



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – ICH**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA - HIS**

**PEDRO DE CASTRO ALVES**

**EDUCAÇÃO LIBERTADORA: UM DOCUMENTÁRIO SOBRE ESTUDANTES DO  
MOVIMENTO ESTUDANTIL SECUNDARISTA DO CENTRO DE ENSINO MÉDIO  
ELEFANTE BRANCO EM OPOSIÇÃO À DITADURA MILITAR (1964 - 1968).**

Brasília -DF

2026

Pedro de Castro Alves

**EDUCAÇÃO LIBERTADORA: UM DOCUMENTÁRIO SOBRE ESTUDANTES DO  
MOVIMENTO ESTUDANTIL SECUNDARISTA DO CENTRO DE ENSINO MÉDIO  
ELEFANTE BRANCO EM OPOSIÇÃO À DITADURA MILITAR (1964 - 1968)**

Relatório final de Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Departamento de História da  
Universidade de Brasília como requisito parcial à  
obtenção do título de licenciado em História

Orientador(a): Prof. Dr. Mateus Gamba Torres

Brasília - DF

2026

**RESUMO:** Este é o relatório de pesquisa do documentário: Educação Libertadora: Um documentário sobre estudantes do movimento estudantil secundarista do Centro de Ensino Médio Elefante Branco em oposição à ditadura militar (1964 – 1968). O presente estudo investiga o movimento estudantil secundarista do Centro de Ensino Médio Elefante Branco (CEMEB), em Brasília, entre 1964 e 1968, com foco na atuação política dos alunos contra da ditadura militar. Investigo o contexto escolar no qual há alunos ricos em capital cultural em uma escola que seguia a pedagogia baseada na escola nova. Dessa forma, busco relacionar as ações do movimento estudantil secundarista da escola com o forte ensino formativo adotado pela instituição e pelos professores, sem deixar de se atentar às heranças culturais carregadas pelos jovens.

**Palavras-chave:** Elefante Branco; Educação libertadora; Ditadura militar; Movimento estudantil secundarista; História oral; História pública.

**ABSTRACT:** This is the research report for the documentary: Liberating Education: A documentary about students from the secondary school movement at the Centro de Ensino Médio Elefante Branco in opposition to the military dictatorship (1964 – 1968). This study investigates the secondary school student movement at the Centro de Ensino Médio Elefante Branco (CEMEB) in Brasília between 1964 and 1968, focusing on the political actions of students against the military dictatorship. I investigate the school context in which there are students rich in cultural capital in a school that followed pedagogy based on the new school. Therefore, I seek to relate the actions of the secondary school student movement at the school to the strong formative teaching adopted by the institution and teachers, without neglecting the cultural heritage carried by young people.

**Keywords:** Elefante Branco; Liberating education; Military dictatorship; Secondary school student movement; Oral history; Public history.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	4
<b>1. OBJETIVOS</b> .....	11
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO</b> .....	11
<b>3. JUSTIFICATIVA</b> .....	12
<b>4. PRÉ-PRODUÇÃO</b> .....	13
<b>5. PRODUÇÃO</b> .....	14
<b>6. PÓS-PRODUÇÃO</b> .....	15
<b>7. TRANSCRIÇÃO</b> .....	16
<b>8. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	32
<b>9. REFERÊNCIAS</b> .....	34
<b>10. ANEXOS</b> .....	35
10.1 TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA CACÍ SASSI .....	35
10.2 TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA CLÁUDIO FONTELES .....	62
10.3 ROTEIRO DE PERGUNTAS .....	80
<b>11. DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE</b> .....	81

## INTRODUÇÃO

A trajetória da história oral inicia a partir dos primórdios do estudo da história quando há a adoção de relatos orais como parte do método de registro histórico na antiguidade para manter o passado vivo. No livro: “História oral: como fazer, como pensa”, escrito por José Carlos Meihy e Fabíola Holanda, os autores escrevem sobre história oral e, para contextualizar o leitor, fornecem informações sobre o caminho de desenvolvimento deste método (2015). Os autores afirmam que a história oral é tão antiga quanto a história, pois toda história antes de ser escrita, passa por uma fase de manifestação da oralidade. Essa afirmação é baseada nos mitos, nos livros sagrados como a bíblia e em poemas como a Ilíada e Odisseia. Para tanto, estas práticas estavam baseadas no ouvir e registrar, o que não proporciona confiabilidade como a do testemunhar. Heródoto, conhecido como o “pai da história”:

Estabeleceu a participação pessoal, o testemunho, como a base para descrever a “verdade” ou a “realidade” do que se via. O testemunho passava a ser critério. Desdobramento do “eu vi, ouvi, estava lá”, o relato oral deveria recobrar nova autoridade ao ser escrito. Eternizava-se. Instituíam-se, assim, os estados da narrativa: ver/ouvir/atestar; depois: organizar a fala e tratar de escrever para a posteridade. (MEIHY; HOLANDA, 2015, p. 96)

Assim, os autores chamam o método utilizado por Heródoto como “história testemunhal”, pois a história era escrita como relatos de experiências vividas enquanto aconteciam, como uma narração da história, diferentemente de como acontecia anteriormente, onde os registros eram feitos posteriormente aos fatos vividos. Dando continuidade à linha temporal da história oral, Meihy e Holanda (2015) indicam que ele também foi importante por ser considerado como um pilar da “história oral constatativa”, em razão de ser testemunha da narrativa e devido às constantes entrevistas com outros agentes da história, buscando mais informações que percepções e: “Por valer-se apenas de entrevistas e observação, o caso herodiano geraria o que se conhece como “história oral pura” (MEIHY; HOLANDA, 2015, p. 97). No entanto, os autores apontam que Tucídides não concordava com a confiança na memória dos entrevistados como Heródoto, então foi essencial para o que conhecemos como “história oral híbrida”, na qual, além das entrevistas, utiliza outras fontes para agregar à história oral (2015).

Apesar da presença da oralidade na reprodução da história, ocorreu um declínio na sua valorização conforme o crescimento da formalidade da escrita. Meihy e Holanda nos trazem que:

Desde a invenção da imprensa por Gutenberg, por volta de 1455, houve um corte nas relações entre o oral e o escrito. A reputação e o uso da palavra escrita passaram a submeter a oralidade, de maneira a fazer daquela o mecanismo por excelência da oficialidade e do exercício do poder. Desde então, a palavra mais válida é a registrada por escrito. A informalidade passou a ser atestado de oralidade e com ela a dinâmica da língua incorporava gírias e distorções. (MEIHY; HOLANDA, 2015, p. 99)

Quando os registros eram feitos através da oralidade, bastava testemunhar e entrevistar outras pessoas que testemunharam o evento, como o método desenvolvido por Heródoto. Outro caminho era o de Tucídides, que também utilizava as entrevistas, mas agregava outras fontes para escrever sua obra. No entanto, quando houve a revolução da comunicação por meio da prensa de Gutenberg, a escrita propagou-se na sociedade. A popularização da escrita a colocou em um patamar de oficialidade e como meio de comunicação de quem exercia o poder, servindo como arquivo de autoridade e confiabilidade melhor que a memória, que, pela reprodução oral pode afetar a confiabilidade do registro.

Se a prensa foi a peça fundamental para a transição do oral para o escrito na história, a invenção do gravador à fita reacendeu a possibilidade de utilizar a história oral como método de pesquisar a história. Com a alternativa do uso do gravador, aumentou a confiabilidade do registro, pois se torna possível a gravação para futura consulta sem haver perda da mensagem do momento do testemunho. Diante disso, em 1948, formou-se um programa de história oral na Universidade de Columbia, em Nova Iorque, Estados Unidos, para realizar entrevistas com personalidades de destaque da história norte-americana no pós-guerra, porém, segundo Alberti (2008, p. 157), o programa “considerava a transcrição, e não a gravação, documento original”, ainda sem se desvincular totalmente da metodologia tradicional.

Diante de seu histórico, a história oral possui singularidades a serem debatidas, como a possibilidade da memória do entrevistado ter sido afetada ao longo do tempo, mas ser importante ser considerada devido à condição de testemunha do evento pesquisado o colocar em uma posição que nenhum outro documento pode oferecer. Perante a falta de orientação a respeito de uma metodologia para pesquisa através da história oral, estudiosos do tema se reuniram para debater e publicar manuais para nortear os pesquisadores para, assim alcançar reconhecimento acadêmico. Em 1975 ocorreu o primeiro Curso Nacional de História Oral no Brasil, deste modo:

“Podemos dizer que a década seguinte, de 1980, assistiu a um processo de consolidação do que vinha acontecendo na anterior. Foram publicadas importantes coletâneas de artigos, reunindo os nomes mais expressivos da época: Las historias de vida en ciencias sociales, organizado por Jorge Balán (1974), Biography and Society,

organizado por Daniel Bertaux (1981), números especiais das revistas *Annales* (1980), *Cahiers Internationaux de Sociologie* (1980), *Dados* (1984), *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* (1986) e *Cahiers de l'Institut d'Histoire du Temps Présent* (1987). (ALBERTI, 2008, p. 161)

Assim como a história oral, a história pública também está em uma crescente valorização dentro do campo de pesquisa e divulgação. Esta área, que está em constante desenvolvimento e com muito a explorar dentro de seu conceito e metodologia, pode ser entendida como um produto de ampla divulgação que vai além do seu fator de propagação. O professor Ricardo Santhiago desenvolve um argumento interessante sobre o campo, no livro: *História Pública no Brasil: Sentidos e itinerários*, quando desenvolve que a história pública: “não se resume a uma *história para o público*” (Santhiago, 2016, p.28):

Penso a história pública como uma área de estudo e ação com quatro engajamentos fundamentais, passíveis de entrecruzamento: a história feita *para* o público (que prioriza a ampliação de audiências); a história feita *com* o público (uma história colaborativa, na qual a ideia de “autoridade compartilhada” é central); a história feita *pelo* público (que incorpora formas não institucionais de história e memória); e *história e público* (que abarcaria a reflexividade e a autorreflexividade do campo). (Santhiago, 2016, p.28)

A história pública está fortemente ligada à história oral justamente neste “fazer a história”. Ambas funcionam como formas de pesquisa para analisar as formas como a sociedade percebe o mundo, como aquele indivíduo entrevistado interpretou, viveu e memorizou a história daquele recorte temático e temporal pesquisado. No processo de registro da história oral, realizado através de gravações durante entrevistas para o presente trabalho, pude perceber, na mensagem que o entrevistado emitiu, o que mais o marcou apesar do passar dos anos. Também foi possível observar o que ele esqueceu, seja por não considerar determinada situação importante ou pelo tempo ter deixado este pedaço da memória de lado, seja para se proteger da dor desta lembrança ou por ser um detalhe muito específico, tornando a lembrança difícil.

O processo de registro presente na metodologia da história oral e o trabalho ligado à história pública foi utilizado nesta pesquisa sobre o movimento estudantil secundarista do Centro de Ensino Médio Elefante Branco (CEMEB) em oposição à ditadura militar (1964 – 1968) para criar um documentário cujo público-alvo são estudantes da educação básica de todo o Brasil, a fim de mobilizar a percepção de força estudantil e a noção de sua história. Com o acréscimo do estímulo da memória dos entrevistados levando matérias jornalísticas produzidas pelo jornal *Correio Braziliense* e documentos adquiridos através do Sistema de Informações do

Arquivo Nacional (SIAN) para buscar aquilo que pode ter sido esquecido por eles, visto adotar uma prática de pesquisa realizada com o público para investigar possíveis respostas à seguinte pergunta: Como o desenvolvimento do pensamento crítico dos estudantes do CEMEB, potencializado pela prática pedagógica escolar, se tornou uma ferramenta contra a ditadura militar?

Sendo assim, para realizar a pesquisa, analisei notícias publicadas no jornal Correio Braziliense e um dossiê produzido pelo Serviço Nacional de Informações (SNI) e disponibilizado pelo SIAN sobre a atuação de um ex-estudante do CEMEB, utilizando-os como fonte. Utilizei outras duas fontes no presente estudo, sendo elas, relatos orais colhidos em entrevistas nas quais eu fui o entrevistador de dois ex-estudantes do Elefante Branco que estudaram na escola durante o período ditatorial. Durante a fase de preparação das entrevistas, foi preciso realizar pesquisa prévia para saber quem entrevistar, então, seguindo orientações presentes no texto de Verena Alberti: “Fontes orais: Histórias dentro da história”, no livro: “Fontes históricas”, organizado por Carla Pinsky, sendo elas:

Para selecioná-los é necessário um conhecimento prévio do universo estudado; é preciso conhecer o papel dos que participaram ou participam do tema investigado, saber quais seriam os mais representativos e quais são reconhecidos pelo grupo, além de conhecer os que são considerados "desviantes". (Alberti, 2008, p.172)

Então, ao buscar nomes citados em matérias do jornal Correio Braziliense, no Sistema de Informações do Arquivo Nacional e no livro de Antônio Gurgel: “A rebelião dos estudantes”, encontrei alguns ex-estudantes que poderiam contribuir à pesquisa devido a ter seu nome relacionado a algum evento significativo no movimento secundarista do Elefante Branco durante a ditadura. Cacé Sassi foi citada no livro de Gurgel: “no dia 17, a direção do colégio divulgou uma lista com 13 alunos expulsos, dos quais cinco pertencem à diretoria do grêmio: [...] Cacé Maria Sassi [...]” então busquei no dossiê do SNI e foi possível identificar a mesma informação, assim, pude entender o que motivou a expulsão dela e de seus colegas, deste modo, compreendendo que havia potencial em entrevistá-la visto sua atuação política. Cláudio Lemos Fonteles foi citado na tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília da historiadora Eliane Cristina Brito de Oliveira quando ela aborda o ex-estudante como um dos precursores do grêmio estudantil no CEMEB e compartilha uma ideia dele sobre o grêmio transmitida em entrevista cedida ao documentário “Honestino” de Maria Coeli (1992):

Segundo Fontelles, tanto ele quanto Honestino Monteiro Guimarães eram indivíduos sensíveis ao mundo, verdadeiros poetas que sonhavam com um mundo melhor, livre

de desigualdades e injustiças sociais. Para eles, o espaço do grêmio estudantil representava muito mais do que apenas um local para discussões; era um lugar de aprendizado e ação em prol de uma educação de qualidade. (Oliveira, 2024, p. 181)

Ao reconhecê-los como potenciais entrevistados, contatei-os para que me concedessem uma entrevista com o objetivo de desenvolver um documentário sobre a pedagogia do CEMEB e a participação estudantil contra a ditadura militar. Cláudio Fonteles conta que estudou no Elefante Branco desde o ano de sua fundação, 1961, a 1964, ano que foi impedido de completar seus estudos, mas autorizado a realizar as últimas provas para se formar. Apesar de não se declarar como um líder do movimento estudantil da escola, Cláudio fez parte da criação do primeiro grêmio estudantil do Elefante Branco e sempre esteve ligado às pautas políticas. Cací Sassi relata que estudou no CEMEB por dois anos, até que, em 1968, foi expulsa da escola, junto de seu irmão e outros alunos, após atrito entre o grêmio e o então diretor da escola, César Gonçalves. Cací foi integrante da agremiação e era a representante do curso normal, que acontecia no turno matutino.

O primeiro passo da entrevista foi preparar um roteiro para orientar a conversa. Este roteiro é uma ferramenta que guiou a interação, não restringindo a troca apenas aos tópicos previamente pensados. Guiando-me pelo problema de pesquisa, tive que me informar sobre a história da escola e o contexto na qual ela estava inserida no momento de sua edificação. Brasília foi erguida no centro do país para promover a integração do território brasileiro, desenvolvendo o interior do país, afastando o centro político do centro econômico e populacional. A construção da nova capital fazia parte do Plano de Metas do Presidente Juscelino Kubitschek (JK), que, ao analisar o documento, é possível observar a característica do nacional-desenvolvimentismo com o intuito de modernizar e desenvolver a área da energia, transporte, alimentação e as indústrias de base. A educação fazia parte deste último tópico, integrando apenas uma meta, a meta 30, cujo objetivo era intensificar a formação de técnicos para a indústria e a educação para o desenvolvimento através de institutos de formação especializada. A infraestrutura educacional precisava ser desenvolvida pois seria preciso que ela acompanhasse o engrandecimento do país para o sucesso do seu plano, dado que: “se não ocorrer interligação desse plano com os demais fenômenos econômicos, sociais e políticos, o plano tornar-se-á falho”. (BRASIL, 1959, p. 182)

Buscando o que havia de mais moderno na educação, JK contou com Anísio Teixeira na área educacional, visto que ele era um dos principais nomes do movimento que ficou conhecido como “escola nova”. Este movimento tem como característica marcante a educação

protagonizada pelo aluno, não pelo professor, assim, suas necessidades e experiências valorizadas em sala de aula e o ensino se torna personalizado para as individualidades. O currículo do educador, somado ao seu valor dentro do movimento da escola nova, colocou Anísio Teixeira em uma posição que lhe reservou a competência de formular o plano do sistema escolar público de Brasília. Sua principal bandeira era o ensino integral, incluindo aspectos culturais, sociais e emocionais, fazendo o conhecimento chegar ao aluno de formas além das tradicionais. Procurando perguntas que conversassem com o problema de pesquisa, dialoguei com os entrevistados sobre a relação dos alunos com os professores e o quanto os docentes foram importantes durante a formação e na construção para torná-los alunos questionadores.

A conversa desenvolveu e pude registrar a admiração pelos professores, principalmente da área de humanas, como história e filosofia, que marcaram o Cláudio, devido ao incentivo ao questionamento, tanto que, atualmente, ele leciona filosofia e teologia (FONTELES, Cláudio 2025). Cací conta que, além das aulas marcantes, foi um professor que estendeu um braço em forma de apoio a ela e ao irmão quando ambos foram expulsos da escola devido a um ato político realizado pelo grêmio estudantil do CEMEB contra o diretor autoritário do colégio (SASSI, Cací, 2025).

O CEMEB foi erguido à luz do plano do sistema escolar público de Brasília e ganhou destaque por contar em seu corpo discente, filhos de políticos. Cací conta, durante a entrevista, sobre a presença de estudantes que tinham conhecimento político por influência de sua família e a troca que realizava com eles:

Eu sempre me defrontava com pessoas que tinham o conhecimento real político, porque no Elefante Branco tinha filhos de deputados, de senador, de políticos de todos os tipos. Então, assim, eles ouviam, nasceram com esse meio ambiente que favorecia as informações, enquanto eu não, né, não tinha, a não ser meus irmãos [...] já existe gente com influência de pais e mães e tudo mais, que são direcionados para um outro foco, então eles já têm uma ideia política diferente da sua, uma ideia que leva mais para os interesses comerciais e às vezes eu me defrontava com essas pessoas e eu via que eu não tinha vocabulário para argumentar, então eu ficava durona, coisa e tal. mas participava de reuniões, que eram muito comuns entre os estudantes secundaristas. (Sassi, 2025)

Esses alunos carregavam rico capital cultural e a troca realizada pela interação social, enriquecia o conhecimento da comunidade escolar. Diante disso, procurei investigar, através de perguntas durante a conversa, qual a percepção que eles têm e tinham durante seu período na escola sobre a influência que a troca entre esses estudantes, filhos de políticos, com os outros, resultava no desenvolvimento intelectual e social do coletivo e o quanto isso impactou nos atos políticos realizados pelos estudantes.

Aprendi durante as conversas que não era apenas o grêmio estudantil que atuava politicamente na escola. Apesar de não serem todos os estudantes envolvidos com assuntos políticos sobre a escola e a sociedade, me contaram que muitos participavam dos atos, tanto as reuniões promovidas pelo grêmio como nos grupos de trabalho para realização de atos nas ruas para protestar contra a ditadura. A organização central era realizada pelo grêmio, mas um grupo de amigos com pensamento parecido, poderia se reunir para realizar uma ação, assim como conta o Cláudio (2025), que redigia conteúdo político para um jornal produzido por ele e por amigos, desvinculados ao grêmio, e divulgavam pelas ruas para comunicar a sociedade sobre os malefícios da ditadura. Cací (2025) discorre a respeito de algumas de suas principais lembranças sobre os encontros entre estudantes para trocarem notícias e informações sobre a ditadura, visto que, nos anos 1960, os veículos de comunicação não eram acessíveis como é hoje com a internet, além da forte censura aplicada aos veículos de comunicação. Ela nos informa como as mobilizações aconteciam após conversas entre os estudantes com o objetivo de compartilhar informações, trocar aprendizados e, assim, buscar a melhor maneira de se mobilizarem para um ato:

Isso eram os estudantes que estavam mais conscientes, mais a frente da luta, mais mobilizados, com ideias precisas em relação com o que estava acontecendo. então se, por exemplo, alguma pessoa começasse a divulgar que o acordo MEC-USAID, que era um acordo com os EUA, era uma coisa prejudicial ao ensino brasileiros, então se fazia cartazes para isso. Então alguém tinha uma informação, trazia para o grupo, o grupo discutia e aí começava a se produzir cartazes e etc para a mobilização geral (Sassi, 2025)

Seguindo a metodologia da história oral, esta pesquisa buscou entrevistar ex-estudantes do Centro de Ensino Médio Elefante Branco para evidenciar como os estudantes engajados politicamente e atentos ao que acontecia na sociedade, se tornaram agentes ativos contra as políticas autoritárias da ditadura militar e os reflexos que impactaram no contexto escolar. Devido às possibilidades da história oral, foi possível registrar o que estava na memória de agentes históricos e, assim, publicizar o conteúdo com divulgação ampla, em forma de documentário, e com um trabalho coletivo, desenvolvido por mim com eles, assim construindo um produto de história pública. Dessa forma, este trabalho funciona como uma ferramenta que amplia a vivência do indivíduo para além de si, ao materializar a memória dos entrevistados e compartilhar suas experiências, incorporando um conteúdo orientado pela pergunta que norteia esta pesquisa.

## 1. OBJETIVOS

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo analisar como o contexto escolar do CEMEB, com alunos ricos em capital cultural e com a pedagogia baseada na escola nova, influenciou no desenvolvimento do pensamento crítico dos estudantes em um cenário político de autoritarismo. Este estudo busca relacionar as ações do movimento estudantil secundarista da escola com o forte ensino formativo adotado pela instituição e pelos professores, sem deixar de se atentar às heranças culturais carregadas pelos jovens. Busco compreender a motivação dos estudantes em agir contra um regime ditatorial, opressor, com sérios riscos à sua liberdade e ao seu futuro profissional, visto que poderiam ser perseguidos mesmo em caso de deixarem de fazer parte do movimento.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Verena Alberti, em “Histórias dentro das histórias”, no livro “Fontes históricas”, organizado por Carla Pinsky (2008), argumenta que, apesar de não poder utilizar a história oral como forma definitiva e completa da história, devendo utilizá-la como uma fonte a ser analisada e criticada, “a História oral é hoje um caminho interessante para se conhecer e registrar múltiplas possibilidades que se manifestam e dão sentido a formas de vida e escolhas de diferentes grupos sociais, em todas as camadas da sociedade” (ALBERTI, 2008, p. 164). Assim, como a autora coloca, “A História oral permite o registro de testemunhos e o acesso a "histórias dentro da história" e, desta forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado (p. 155).

A história oral é uma ferramenta da história na qual se relaciona muito bem com a prática da história pública, devido ao seu poder de comunicar e transmitir ideias de forma acessível à comunidade. Acessar a memória de indivíduos que fizeram parte do movimento estudantil durante a ditadura e ter o relato compartilhado de forma oral, tem se mostrado significativo para entender os desejos sociais. A memória guardada na individualidade e transmitida através da oralidade, é uma ótima fonte para a pesquisa, principalmente quando analisadas como contraponto aos documentos oficiais produzidos durante a ditadura.

Seguindo este pensamento, a história oral é utilizada nesta pesquisa como forma de encontrar a perspectiva dos alunos que vivenciaram o movimento secundarista do CEMEB,

acessando a “história dentro da história”m. Desta forma, é possível analisar os relatos tanto como os resíduos de ação quanto como relatos de ação, visto que os entrevistados eram agentes do movimento estudantil e carregam consigo, memórias do que foi vivido.

Então, para realizar a entrevista, foi utilizado tanto o texto da Verena Alberti para embasamento, quanto o livro: “História oral: como fazer, como pensar” (2015) de autoria composta por José Carlos Sebe Bom Meihy e Fabíola Holanda. Nele, foi observado o procedimento para a execução de uma entrevista de história oral, de forma ética e sobre a importância da transcrição, visto que “a transcrição nos aproxima do sentido e da intenção original que o colaborador quer comunicar” (MEIHY; HOLANDA, 2015, p. 135). Ou seja, para uma boa compreensão do que é dito, é importante que haja a transcrição de forma que o comunicador tenha a sua fala compreendida por quem escuta e por quem lê, visto que, na fala, pode haver variações linguísticas que dificultem o entendimento geral.

### **3. JUSTIFICATIVA**

A escolha deste tema para a realização do trabalho de conclusão de curso se justifica mediante a necessidade de reforçar a memória da sociedade de que o período de ditadura militar foi de extrema repressão e de cerceamento da liberdade do povo, visto que há a crescente ideia de que a ditadura militar foi boa para o Brasil e o desejo de que haja um novo golpe de Estado, como foi a tentativa de golpe quase bem-sucedida em 2023. Visando apoiar a liberdade, faço essa pesquisa como um ato político, assim como os estudantes secundaristas do CEMEB fizeram durante a ditadura.

Ao estudar sobre a pedagogia de ensino no Elefante Branco e o quanto influenciou no desenvolvimento do pensamento crítico dos estudantes, faço um apelo às autoridades públicas para que haja investimento na educação pública, pois o futuro do país depende dos jovens que estão na escola para o crescimento nacional. Esta pesquisa se justifica pois há o desejo de propagar o sucesso escolar do CEMEB, mostrando ao público-alvo deste estudo, o quão proativos os estudantes eram, sendo capazes de agirem por conta própria visando o cumprimento de seus ideais.

Ao utilizar fontes orais, busco conectar o estudo com o leitor para “humanizar” a pesquisa e gerar curiosidade na população. Como os entrevistados são ex-estudantes do

Elefante Branco, este trabalho tende a gerar interesse em pessoas fora do contexto acadêmico, então, busco cumprir os três pilares da Universidade de Brasília (UnB): ensino, pesquisa e extensão, visto que este trabalho de conclusão de curso é uma pesquisa sobre ensino, cumprindo função avaliativa, enquanto seu caráter extensionista está presente na busca por conectar a universidade à comunidade.

A produção de um documentário para história pública é uma forma de codificar o conhecimento desenvolvido nesta pesquisa, para que, de certa forma, materialize o tema e, assim, se torne acessível a qualquer um que deseje conhecer mais sobre o movimento estudantil durante a ditadura militar, transpassando as barreiras acadêmicas e dialogando com as massas, como forma de educação popular ao oferecer uma maneira de, com ela, pensarmos e aprendermos. Diante disso, espero que esta pesquisa seja um atrativo para que jovens se interessem pela história dos seus familiares, por perceberem que as pessoas mais velhas, como as entrevistadas nesta pesquisa, podem ter histórias para contar. Espero que os adolescentes se atraiam cada vez mais pela escola, reconhecendo como um espaço de desenvolvimento humano. Desejo que a comunidade veja que a história é mais que uma matéria da escola e está presente em cada rua, em cada edifício, em cada ser humano. Esta pesquisa pode ser o meu trabalho de conclusão de curso, mas espero que seja um trabalho que abrirá portas para todos se interessarem pela história.

#### **4. PRÉ-PRODUÇÃO**

A primeira fase para a elaboração do documentário é a pré-produção. Toda a pesquisa faz parte desta etapa e isso parte do momento em que decidi estudar o tema a partir de uma conversa com uma ex-professora do CEMEB, que lecionou na escola durante a ditadura militar. O tema me interessou e procurei o professor, que se tornou meu orientador, Dr. Mateus Gamba, para me indicar alguma leitura sobre o tema. Foi a partir de leituras indicadas que pensei na pergunta de pesquisa e busquei me aprofundar na atuação do movimento estudantil secundarista do Centro de Ensino Médio Elefante Branco durante a ditadura. No entanto, havia o desejo de produzir história pública desde o momento que comecei a graduação, pois acredito na importância de retribuir à sociedade o investimento na educação pública que recebi desde a minha adolescência, então tomei a decisão de realizar um documentário contendo entrevistas

com ex-estudantes que participaram ativamente do movimento estudantil nos anos estabelecidos para concentrar a pesquisa.

Seguindo a metodologia apresentada por Alberti (2008), procurei nomes de estudantes que atuaram no movimento estudantil e que tiveram reconhecimento nele, para, assim, entrar em contato para entrevistá-los. Listei diversos nomes que foram citados nas fontes e busquei informações nas redes sociais Facebook e Instagram para tentar me comunicar e apresentar o projeto de pesquisa. Concomitantemente a este procedimento, busquei o Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília, o qual me forneceu o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para que eu pudesse apresentar aos entrevistados e coletar sua autorização para compartilhar a imagem e voz deixando claro os riscos e benefícios por participar da pesquisa.

O primeiro contato foi por mensagens nas redes sociais, seja o Facebook ou o Instagram, realizando uma breve apresentação do que seria abordado na pesquisa e deixando as minhas informações de contato caso desejassem participar. Ambos os participantes entraram em contato pelo WhatsApp para dar continuidade, então apresentei o TCLE a eles e seguimos a conversa com o objetivo de marcar o dia, o horário e o local para realizar a coleta de informações. Devido a diversos fatores pessoais, sugeri que a entrevista fosse realizada individualmente na casa dos entrevistados, pois assim, além de se sentirem confortáveis no ambiente, facilitando a conversa, essa foi a solução para nos encontrarmos. Marcamos dia e horário compatível e, apesar de residir distante, pude me deslocar de carro até o local.

Por ser uma pesquisa com financiamento próprio, precisei me preparar para a gravação com antecedência e comprar os materiais necessários. Para a gravação de imagem, comprei o celular Samsung Galaxy A55 devido à câmera gravar em alta resolução. Para coleta de som com a qualidade desejada, escolhi comprar o microfone bluetooth da marca Lavalier, pois conta com a capacidade de cancelar ruídos externos, aumentando a qualidade do conteúdo. Para apoiar o celular no momento da gravação, utilizei um tripé pequeno, que apoiei na mesa durante a entrevista.

## **5. PRODUÇÃO**

A produção é a fase seguinte e ela começou a partir do momento que me encontrei com os entrevistados. A entrevista realizada seguindo os métodos da história oral preza pela conexão entre o entrevistador e o entrevistado através da conversa, então é importante que seja um momento agradável e não intimidador, logo a condução da conversa deve ser leve e natural para que não haja a sensação de interrogatório. Preparei perguntas abertas que serviam para guiar a entrevista para o rumo desejado, mas capaz de proporcionar relatos inéditos, a partir da percepção individual. Direcionei a conversa buscando respostas à pergunta de pesquisa. Para isso, tentei trilhar um caminho a partir da compreensão deles sobre o funcionamento da escola, sobre a relação entre os alunos e a ação deles no movimento estudantil. Busquei entender a motivação dos estudantes em agir contra a ditadura militar, mesmo cientes de que tal atitude ofereceria riscos à sua integridade física e à sua carreira estudantil e profissional. O roteiro de perguntas completo utilizado como material de apoio durante as entrevistas está em anexo a este relatório.

A primeira entrevista foi realizada com a senhora Cací Sassi. Ao chegar em sua residência, fui bem recebido e começamos a conversar sobre a animação de participar do projeto, então buscamos um local com boa iluminação para começar a gravação e o mesmo aconteceu quando me encontrei com o Cláudio Fonteles. Para ter o cuidado de não revelar a intimidade dos participantes, as gravações foram feitas na área externa das casas, atentando-me ao que apareceria no fundo da imagem. Assim que montei os equipamentos e posicionei os microfones, indiquei que a partir daquele momento a nossa conversa estaria sendo gravada.

A continuação da produção do documentário se deu sem a presença dos entrevistados. Gravei um trecho próximo ao CEMEB com o auxílio da Anna Carolina Ferreira, que gravou e lançou uma camisa da escola para que eu pudesse realizar uma transição no momento que estivesse editando. A última parte realizei sozinho em minha casa, novamente com o apoio do tripé para segurar o celular enquanto gravava as minhas falas. Segui um roteiro preparado para o momento de produção do vídeo e ele faz parte da transcrição que será apresentada posteriormente neste relatório.

## **6. PÓS-PRODUÇÃO**

Assim que finalizei a produção, iniciei a transcrição dos vídeos e das entrevistas, pois

elas fazem parte do processo de documentação da história oral. Para realizar esta atividade, utilizei o site TurboScribe, porque verifiquei a política de privacidade e constatei que os dados emitidos não ficam armazenados no seu sistema, logo, pude proteger os dados da conversa com os entrevistados e, apesar da transcrição automática apresentar falhas, fiz as correções necessárias.

Após a transcrição, retornei aos vídeos para selecionar quais trechos poderia utilizar para a produção do documentário. Como a conversa foi extensa em ambas as entrevistas, com o vídeo original ultrapassando uma hora de duração cada, muito material não foi utilizado pois abordava assuntos diferentes daquele que desejava tratar na pesquisa. Então utilizei o aplicativo de edição de vídeo CapCut para cortar apenas os trechos desejados e iniciei a organização relacionando cada corte a um tema, para, assim, conectar as falas dos entrevistados ao roteiro.

Após realizar os cortes nos vídeos, iniciei a edição do documentário juntando as gravações individuais com as partes desejadas das entrevistas. Pelo aplicativo CapCut, pude realizar edições como anexar imagens enquanto permanecia com o vídeo menor sobrepondo o plano de fundo e transições para deixar a estética bonita. O momento da edição na pós-produção é fundamental para organizar a ideia do documentário e deixar a comunicação fluida, pois foi possível excluir partes de silêncio e de repetição de ideias.

Ainda como parte da pós-produção, cumpri com a obrigação de realizar a devolutiva da pesquisa aos entrevistados, visto que cumpriram papel fundamental nesta pesquisa. Para isso, comprei dois pen-drives de 64GB cada para armazenar os vídeos completos das entrevistas individuais, o documentário, as transcrições e as outras fontes utilizadas para realização desta pesquisa. Houve necessidade de grande armazenamento pois, somando todos os arquivos, ocupou cerca de 60GB mantendo a resolução máxima.

## **7. TRANSCRIÇÃO**

(Cací) Nós ocupamos o Congresso Nacional também, pedindo apoio dos deputados. Então, o que é que eu quero dizer?

(Cláudio) São as minhas mãos que a gente entra na política estudantil, não era éramos de partido nenhum, não. A gente não estava vinculado a nenhum partido. A gente estava querendo criar isso, não tinha a visão política partidária.

(Cací) O que eu quero dizer? Eu não sou uma revolucionária, partidária, extremamente consciente, não, eu sou uma pessoa que simplesmente, dentro do meu ponto de vista, as pessoas estavam sendo manipuladas, as pessoas tinham poucas informações, não havia clareza de propósito do governo existente, enfim.

(Cláudio) Tinha isso, essa linha de Brasil aberto para todos, não a miséria, acesso a toda a educação, enfim, e o Brasil seguindo seus próprios passos, nunca caudatário do imperialismo.

(Pedro) Oi, você conhece essa escola aqui? O Centro de Ensino Médio Elefante e Branco é hoje uma das maiores escolas públicas do Distrito Federal, e eu falo isso não apenas pelo seu tamanho não, ela é muito reconhecida pelo seu ensino que constantemente aprova estudantes para a UNB e para as outras universidades também privadas e públicas do Brasil inteiro. Ela conta com projetos para auxiliar os alunos a chegar lá, como o projeto Procurando o X, que é de matemática e ajuda tanto para o PAS quanto para o ENEM. Ela também tem atividades humanitárias, esportivas, artísticas, que são fundamentais para o ensino integral do estudante.

Mas isso aqui não é propaganda para o Elefante e Branco não, então vamos voltar um pouquinho no tempo e buscar entender como o movimento estudantil secundarista do Elefante e Branco, juntamente com a prática pedagógica escolar, se tornou uma ferramenta contra a ditadura militar. Para isso, eu vou trazer dois ex-estudantes aqui da escola e fazer uma apresentação para vocês de um recorte temporal que vai de 1964 a 1968.

Vamos? Então, eu lhes apresento eles.

O primeiro é o Cláudio Fonteles, ele estudou no CEMEB de 1961 a 1964, ano que foi impedido de concluir o ano letivo, mas foi autorizado a realizar as últimas provas para conseguir a aprovação e tentar realizar o vestibular para a UNB. Ele foi um dos precursores do Grêmio Estudantil lá no CEMEB, no Elefante e Branco, e apesar de não se declarar como um líder do movimento, ele sempre esteve ligado às pautas políticas. Agora, a outra estudante é a Cací Sassi, ela foi representante do curso normal no Grêmio Estudantil e fez parte dele até ser expulsa da escola em 1968, após o diretor se desentender com a entidade.

Revolucionária? Não, ela prefere o termo idealista. Então, para começar, quando vamos falar sobre um tema, nós precisamos entender o contexto em que ele está inserido. Então, se eu

vou falar de uma escola, nova, recém-construída, da nova capital, é importante entender de onde ela veio, qual é o contexto, qual é a história dela.

E, para isso, para começar, nós temos que ir para a ideia da construção de Brasília, que já é uma ideia mais antiga do que a sua realização. Mas o presidente que tomou a frente e realizou o projeto foi Juscelino Kubitschek, famoso pelo seu plano de metas, que consistia em 30 metas divididas em cinco áreas, sendo elas energia, transporte, alimentação, indústria de base e educação, que é a que nos interessa agora. A parte da educação, ela está apenas na meta 30, que está exatamente como formação de pessoal técnico.

No geral, o plano é investir em infraestrutura industrial, e a educação precisava se alinhar a isso. Porém, temos dois objetivos fixados para o ensino médio que são interessantes para o que vamos falar aqui nesse trabalho. Primeiro, é a ampla reforma deste ensino para adotá-lo de currículos flexíveis e adaptado às condições do país em desenvolvimento.

Prestou atenção, né? País em desenvolvimento, isso vai ser muito importante. E o ponto dois, tornar comuns as séries iniciais de todos os tipos deste ensino em centros educacionais.

Podemos entender que o governo estava aberto a mudanças que buscassem sair do tradicional e partir para a inovação. Percebemos o valor imposto na educação neste trecho em verde que está como: “Se não ocorrer interligação desse plano com os demais fenômenos econômicos, sociais e políticos, o plano tornasse-a falho. A conclusão é simples: a infraestrutura econômica deve ser acompanhada de uma infraestrutura educacional e, portanto, social”. Por isso um “Programa de Educação para o Desenvolvimento”.

É aí que entra Anísio Teixeira. Ele é uma personalidade muito importante na área da educação por ser um destaque dentro do movimento da escola nova, que ficou mais forte no Brasil em 1932 com a divulgação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, que defendia, basicamente, que todos tivessem acesso à educação pública, gratuita e laica.

E essa educação tinha que ser diferente. Nós não queremos mais formar por memorização, nós queremos colocar o estudante como destaque no processo de aprendizagem.

Nós vamos trabalhar para desenvolver o aluno na área intelectual, claro, mas temos que desenvolver também a área social, cultural, emocional também. É um ensino voltado às individualidades. Nós queremos que o estudante seja crítico, questionador, ele saiba quem ele é e qual seu papel na sociedade.

Esse é o contexto da Escola Nova. E a Anísio Teixeira, ele foi o responsável por elaborar o plano do sistema escolar público de Brasília, ou seja, o sistema público educacional da capital seria inovador, assim como desejava a JK, seguindo as ideias da Escola Nova. E é claro que eu fiquei curioso para saber como era estudar na escola.

Então, Cláudio, além das aulas comuns, o que tinha no CEMEB que o diferenciava?

(Cláudio) O que acontecia? À tarde você tinha que chamar isso de clubes, entende? Então você podia escolher uma atividade complementar, mas não no sentido de estudar disciplinas, entende? Mas por exemplo, poderia línguas, francês, inglês, poderia fazer teatro, poderia fazer alguma coisa em termos de criatividade, no sentido de fazer um jornalzinho, uma coisa assim, entendeu? Então eram clubes para desenvolver atividades, vamos chamar extracurriculares, que a gente fazia à tarde, que eram ótimos esses clubes, era uma coisa muito boa.

(Pedro) Você chegou a fazer algum?

(Cláudio) A gente fez, aí entro na política., não exatamente dentro do clube, mas a partir dessa ideia nós realmente fizemos um jornal. É pena que eu não guardei.

(Pedro) Tenho alguns nomes de jornal aqui.

(Cláudio) Lá? Veja se tem um nome chamado Reforma.

(Pedro) Deixa eu ver, eu tenho “A Tocha”, “Elefrente”, Boletim Informativo GECEM, nenhum deles?

(Cláudio) Nenhum deles. Era o Reforma, a gente ia para a Taguatinga, era um jornalzinho bem feitinho, sabe? Aí pegávamos de volta o último ônibus, era um grupo de estudantes, porque no Elefante eu entrei na política estudantil, em 1961, no quarto ginásial, chamava-se Grêmio Estudantil, então nós tínhamos esse Grêmio Estudantil com a visão de esquerda mesmo, com acesso de todos ao ensino, a nossa perspectiva ali era isso, todos pudessem ter uma escolaridade boa e tal, que o ensino fosse colocado para todos, então a gente também, a gente tinha uma professora excelente tanto de filosofia, duas professoras, a professora Neita Ramos, ela da geografia, e a gente aí estudava todo aquele, na década de 60, o movimento libertário na África, as colônias europeias buscando a sua autonomia, o Congo, e aí também esse sentido de criar um Brasil brasileiro, uma cultura brasileira, a música brasileira, enfim, o Brasil definindo o seu próprio destino e não preso ao imperialismo americano, essa era

a nossa ótica, e isso a professora Neita Ramos, esposa de um deputado gaúcho do PTB chamado Rui Ramos, então ela nos estimulava muito a isso, a leitura, quebrar o subdesenvolvimento, e também a professora Maria do Socorro Remerenciano, que era professora de filosofia, mas também com essa abertura, a gente discutia muito, a gente lia muito, eu já tinha lido já no segundo ano, Platão, A República do Platão, então naquela época o ensino era muito voltado para a leitura, fortemente, a gente lia muito, muito, muito, um garoto de 16 anos lendo Platão, A República do Platão, e fora outras coisas também, então era um momento muito bonito ali, e nós éramos muito questionadores.

(Pedro) Agora vamos destacar alguns pontos da fala do Cláudio: esses clubes com atividades complementares que agregavam na sua formação fazem parte da Educação Integral defendida por Anísio Teixeira, é o que comentei sobre a formação do indivíduo para além do conhecimento de matérias escolares. Vale destacar também o ensino voltado à leitura, ela, que abre caminhos para ideias, conhecer o diferente, histórias, teorias e principalmente a capacidade argumentativa, afinal, você argumenta sobre o que você conhece.

E o Elefante Branco, além de ser uma das primeiras escolas da capital, localizada no centro de Brasília, constou em seu corpo docente com alunos, digamos, especiais, diversos registros, como os que eu vou apresentar a vocês lá no final, como as minhas fontes, eles apresentam que havia muitos estudantes que eram filhos de políticos e de gente importante na cidade, gente que carrega uma “herança intelectual” na família. Então, vamos puxar um pouco para a sociologia e falar de uma maneira mais correta sobre essa herança familiar que eu falei, é o que Pierre Bourdieu chama de “capital cultural”, e esse capital cultural é o acúmulo de recursos culturais, conhecimentos e vivências culturais, é o que torna aquela pessoa mais culta, né? Tanto que isso proporciona distinção de classe, porque enquanto o pobre vive para sobreviver, o rico tem condições de expandir seu conhecimento e sua influência por meio da arte, da literatura, da busca por informações, da socialização com iguais.

E esse capital cultural, ele é transmitido por gerações de famílias, justamente pelo investimento que é feito para manutenção do seu status social e pelo investimento que é feito por ela no espaço em que a criança frequenta. Como eu falei anteriormente, é justamente na socialização com iguais, ou seja:

(Pedro personagem) É que meu capital cultural é incrível, ele é muito bem trabalhado, muito bem desenvolvido, ele é culto, ele é, enfim, ele é rico, e nada mais justo que meus filhos frequentem espaços onde tenha crianças, jovens, sejam da mesma classe que eles, sejam

intelectualmente avançados, assim como os meus filhos são, que tenham o mesmo status da minha família e não como essa gatinha meio chulé.

(Pedro) E o CEMEB era uma escola benquista por essas famílias, era uma escola de referência na cidade, então ocorreu um fenômeno que juntou jovens de diversas origens no mesmo espaço social sem necessariamente ter apenas alunos com herança rica em capital cultural, afinal, Brasília ainda estava se formando, e essa mistura enriqueceu o coletivo. Então, além das atividades voltadas ao ensino integral do estudante, a socialização que ocorria com aquela diversidade de alunos, rendeu trocas que elevavam o conhecimento, a capacidade escolar e de vida mesmo, essa parte integral do ser. Como o capital cultural se fortalece na troca com os semelhantes no ambiente que ocupam, estar nesse espaço social mais culto, te engrandece, de certa forma, instiga a se desenvolver.

(Cací) Interessante para eu poder conviver com outras pessoas de outras classes e outros cursos, né? Mas eu sempre me defrontava com pessoas que tinham conhecimento real político, porque no Elefante Branco tinha filho de deputado, filho de senador, filho de político, de todos os tipos, então assim, eles ouviam, nasceram com esse meio ambiente que favorecia as informações, enquanto que eu não, né? Não tinha, a não ser meus irmãos. Então, eu me sentia um pouco triste quando chegavam e faziam perguntas, tipo, você não sabe de nada, você sabe o que é AP? Então isso aí mais ou menos revela uma coisa que é muito pura ainda no adolescente, apesar dele estar começando a se posicionar diante do mundo, começando a querer, vamos assim dizer, entender esse mundo, entender o que é o certo e errado e começar a formar sua própria opinião, já existe gente, vamos assim dizer, com influência de pais e mães e tudo mais, que são, vamos assim dizer, direcionados para um outro foco. Então eles já têm uma ideia política diferente da sua, eles já têm uma ideia que leva mais para os interesses comerciais, e às vezes eu me defrontava com essas pessoas e eu não tinha vocabulário para argumentar, aí eu ficava durona, coisa e tal, mas participava de quê? Participava de reuniões, que é muito comum isso entre estudantes secundaristas, se convocava as reuniões a partir de algum acontecimento, então se houve algum tipo de repressão em algum lugar, né? É uma tentativa de reunião de determinados lugares, que a gente ficava sabendo que foi reprimida, ou que as pessoas não conseguiram fazer.

(Pedro) E essa troca de informações entre os estudantes rendeu frutos. Tanto as atividades extracurriculares, quanto a socialização estudantil, foram fundamentais para o desenvolvimento do movimento estudantil secundarista na escola, porque eles não retinham o

debate apenas no seu ciclo, eles buscavam contribuir com a sociedade, compartilhando o conhecimento gerado nessas conversas, e isso foi um grande diferencial no cenário que vinha se desenhando, quando forças militares ganhavam cada vez mais poder, a ponto de chegarem ao golpe que instaurou a ditadura militar no país. É, e essa situação político-social do país afetou diretamente o CEMEB. A perseguição alunos e professores com demissões e expulsões, a falta de liberdade de pensamento, coibindo os jovens de se expressar, a troca de direção escolar a favor de uma linha de pensamento militar, e políticas educacionais que modificariam a pedagogia escolar que vinha sendo desenvolvida, como foi o Acordo MEC-USAID.

(Pedro personagem) O Acordo MEC-USAID tem esse nome por ser uma parceria do Ministério da Educação do Brasil, o MEC, com a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional, a USAID. Esse acordo foi uma parceria para alinhar a educação brasileira ao modelo estadunidense, objetivando um sistema orientado para o trabalho e aos interesses do mercado, diferentemente do sistema voltado à educação integral da criança, como Anísio Teixeira ajudou a propagar. Assim, aumentou a influência americana no país, ajudou a crescer o mercado privado e regrediu a qualidade da educação, proporcionando à classe dominante o conforto, visto que a classe dominada estaria muito ocupada nos seus ofícios técnicos e não desenvolvendo o pensamento crítico capaz de questionar o porquê não ocupar um espaço de valor na sociedade. O porquê tem que estar em subempregos e jamais construir a capacidade de questionar. Claro que essa medida foi fortemente questionada pelo movimento estudantil.

(Pedro) Desenvolver os pensamentos, vocês estudavam, liam muito, mas não guardavam aquilo para si.

(Cláudio) Não, não, não era intimista nem abstrato, produzíamos. A partir dali a gente se põe. Olha, nós questionamos fortemente o então secretário de educação, não me lembro mais o nome dele, não me lembro mais o nome dele, não sei, secretário de educação da época, e eu me lembro que nós fizemos esse jornal. Aí a direção fechou o Elefante, não nos deixou entrar para distribuir para os colegas. Aí o que a gente fez? Na entrada do Elefante, nós botamos umas cadeiras assim, e aí distribuímos para os colegas. Pujol, eu acho.

(Pedro) O Luiz Carlos Pujol.

(Cláudio) Era? Pujol. Nós questionamos esse cara.

(Pedro) Mas você lembra um pouco do conteúdo do jornal?

(Cláudio) Todo político, eu te disse. Lutar por reformas de base, certamente. Eu me lembro que eu escrevi um artigo nesse Reforma, que eu fazia assim, uma certa história. Botava um cavalo branco, sardento, que seriam os americanos, está entendendo? E esse cavalo invadindo a nossa área. Pena que eu realmente...

(Pedro) Nesse período estava João Goulart no governo...

(Cláudio) Mas acontece o seguinte, veja bem, aí vem o golpe, tá? E eu estou no terceiro ano, certo? Então, aí aconteceu o seguinte, vamos só ver, um, dois, três. Quatro colegas antes de mim, do segundo ano, e eu. Eles queriam nos expulsar, mas depois houve um acordo. No meu caso, eles eram do segundo e eu pro terceiro, tá? Mas nós fomos proibidos de entrar na escola, certo? Então, eu fiquei, não me recordo mais se era de maio a junho, mas com certeza aí, no final do primeiro semestre, né? Do golpe, que é 1964, exatamente, nós ficamos proibidos de entrar na escola. Agora eu pude, eles também puderam fazer provas, e eu também para poder ir para a UnB, né? Eles iam pro terceiro ano.

(Cací) Então, se faziam cartazes de protesto, né? Que era o que a gente mais fazia dentro da área do Elefante Branco, até que culminou, depois de, quando saiu, eu não sei se foi em termos de data, quando saiu a expulsão ou depois, antes de sair a expulsão, mas ocupamos o colégio, e aí você vai ter que recuperar o motivo dos estudantes secundaristas terem se rebelado, porque a gente fazia movimentação de rua, saía pela W3, levava mangueira de água dos bombeiros, entendeu? Se refugiava atrás daqueles pontos de ônibus, né? Mas em termos de datação, houve fatos, não sei se foi a morte dos estudantes do Rio de Janeiro, não sei o que foi, do Edson Luiz, que a gente ocupou o colégio. Você não vai conseguir extrair de mim uma informação disso assim, você estava na liderança, você era líder? Não. Eu era uma pessoa que simplesmente estava querendo entender o mundo, querendo realmente, ficava revoltada, porque as coisas são assim, que é uma coisa que eu vejo hoje nos meus netos, né? Por que tem que ter esse horário, por que tem que ter essas aulas chatas, quer dizer, havia um questionamento, e a tristeza é que não havia uma resposta, havia uma espécie de parede bloqueando qualquer diálogo, qualquer tipo de informação que fosse produtiva para essas mudanças.

Bom, então essa ocupação, sempre surgem coisas, você não pode imaginar, surge um tecido de fazer flanelógrafo, que existia um flanelógrafo antigamente, é um quadro de avisos feito com flanela, ou feito com flanela, ou feito com feltro, chamava flanelógrafo, porque também teve quadros assim, mas assim, se fazia, esticava bem, botava numa moldura, e aquilo servia para você colocar recados e tudo mais, né? Mas então surgiam pedaços de feltro, por

exemplo, então a gente se enrolava nesses feltros e ia lá para cima do colégio, para o teto do colégio, para fazer uma turma de acompanhamento, para ver se ia vir polícia, se não ia vir polícia, se alguém ia chegar lá etc.

(Pedro) Isso eram os grupos de trabalho?

(Cací) Não, isso eram os estudantes que estavam mais conscientes, mais à frente da luta, mais mobilizados por ideias precisas com relação ao que estava acontecendo. Então se, por exemplo, alguma pessoa comesse a divulgar que o acordo do MEC-USAID, que era um acordo com os Estados Unidos, era uma coisa prejudicial para o ensino brasileiro, então se fazia cartaz para isso, então assim, alguém tinha uma informação, trazia para o grupo, o grupo discutia, e aí começava-se a produzir cartazes etc. para a mobilização geral, mas já havia essa consciência da ditadura militar, então abaixo ditadura era sempre o lema mais utilizado e tudo mais.

(Pedro) Tem muitos registros de infiltração de agentes do governo na escola, né? Era muito fácil identificar eles?

(Cací) Não, e eu sempre era muito despercebida, não sei em que sentido de alguém dizia assim, ah, fulano passou ali, você viu, não sei, cuidado com aquele cara dedo duro.

Mas assim, era como se eu, na minha cabeça, eu visse isso de costas, uma pessoa se afastando, entendeu? Ou seja, já tinha gente lá dentro que conhecia, sabia quem era dedo duro, já tinha conversado, já tinha sido procurado para conversas, entendeu? Por essas pessoas e estavam sempre alertando os demais com relação àquilo, entendeu? Aí sim, a partir daí, fomos chamados na diretoria com ordens do SNI, eles falavam ordens superiores, né? Para nos tirar do elefante branco. Aí aconteceu uma coisa que é sensacional, que eu quero deixar registrado para todos os séculos. O diretor da escola me recebeu e meu irmão junto, e falou o seguinte, vocês são ótimos alunos, vocês têm ótimas notas, nunca vi vocês depredando nada, vocês não têm nenhum comportamento ilícito dentro do colégio, e eu sou contra a expulsão de vocês, mas se eu não expulsar vocês, eu vou ser expulso. Então eu quero fazer uma coisa por vocês. E sabe o que ele fez por nós? Ele pagou para mim e para o meu irmão um cursinho chamado pré-universitário, que tinha recém-chegado à Brasília, quando começaram esses cursos preparatórios para você passar no vestibular, e esse curso foi montado por alguns professores aqui de Brasília mesmo, e aí surgiu o seguinte problema, eu tinha dois anos de curso normal, meu irmão tinha dois anos do curso clássico.

Qual dos dois cursos seria mais fácil de adaptar ao curso científico? Eles estavam nos oferecendo uma vaga no científico, o cursinho preparatório para vestibular é científico, não tem, não tem outra. E nós topamos assim mesmo. Eu queria que você me ajudasse a recuperar o nome desse professor, porque ele realmente eu já tentei achar, não consegui, e ele foi, vamos assim dizer, aquele que deu a guinada nas nossas vidas. A gente podia ter ficado parado no curso da história. Uma expulsão significa dez anos sem poder matricular em colégio público. Nós não tínhamos dinheiro para colégio particular, então a nossa vida teria sido interrompida aí, entendeu?

(Pedro) Eu quero voltar na fala da Cassi, e falar sobre a ocupação que os estudantes fizeram no CEMEB. Essa fala faz referência a um evento que os estudantes ocuparam a escola e decretaram como território livre. Isso aconteceu por um somatório de circunstâncias. O primeiro foi Edson Luiz, que no dia 28 de março, durante um protesto no Rio de Janeiro, o estudante Edson Luiz foi assassinado covardemente pela polícia, escancarando a violência policial e essa notícia tomou conta da mídia.

O segundo ponto é o Colégio Agrícola de Planaltina. As escolas públicas do plano piloto funcionavam bem, mas as escolas da cidade satélite, nem tanto. Faltavam professores no Colégio Agrícola de Planaltina, faltavam alimentação, materiais adequados, muitas outras coisas. Os alunos, então, reivindicaram à diretoria melhorias, que não foram atendidas. Então, eles buscaram o Ministério da Agricultura, que debocharam deles. Então, eles buscaram apoio dos estudantes do Diretório Central, dos estudantes secundaristas, que é uma espécie de grêmio estudantil geral. E, mesmo assim, eles não conseguiram o que queriam. Então, eles tomaram a decisão de ocupar a escola e declararam como território livre, isso lá em Planaltina, primeiro. Nesse território livre, eles gerenciavam, os próprios estudantes gerenciavam, e, assim, eles votaram para a expulsão do então diretor, passaram a administrar a escola por completo. Isso durou só até o momento em que a polícia invadiu, agrediu os alunos, ocupou a escola e cancelou a matrícula de 80 estudantes. Posteriormente, esses 80 estudantes conseguiram ter a sua matrícula, voltar a ter a sua matrícula na escola, mas eu tenho certeza que a dor persistiu.

Agora, o terceiro ponto que motivou os estudantes do Elefante Branco a ocupar e declarar como território livre foi por melhorias estruturais e melhorias nos materiais didáticos. E o quarto ponto foi a demissão do então diretor de CEMEB, o Hélio Medeiros, que ele sofria pressão da Secretaria de Educação. Por não saberem o que poderia acontecer após a demissão do diretor, os estudantes do Elefante Branco ocuparam a escola e decretaram como território

livre. Livre de policiais, um espaço livre para debate, livre de aprendizado mesmo. É importante ressaltar que isso era apenas uma ocupação, não era uma greve. Ou seja, as aulas estavam previstas para continuar normalmente enquanto eles administravam a escola.

As condições impostas para sua desocupação eram a retirada dos policiais do Colégio Agrícola de Planaltina. Isso mostra claramente um apoio entre os estudantes e mostra a comunicação que havia entre eles. O segundo ponto para a desocupação era que o novo diretor ou a volta do Hélio Medeiros, que eles atendessem as demandas estudantis, as demandas que eu falei agora há pouco. Então foi nomeado o novo diretor para a escola, que foi o César Gonçalves Filho. Ele era o professor de Educação Física, então os estudantes já conheciam ele. Ele tomou a frente da escola após o período das férias. Então, quando ocuparam a escola para determinar como território livre, logo depois decretaram férias e o novo diretor começaria a atender as demandas após as férias.

E nisso, os estudantes se reuniram em assembleia novamente, após o retorno, para debater assuntos internos e externos, como sempre faziam, né? Mas dessa vez, eles fizeram uma assembleia sem a presença do novo diretor. E quando o César ficou sabendo disso, ele foi até as instalações do Grêmio Estudantil, discutiu com os estudantes que lá se reuniam, quebrou tudo e dissolveu a entidade. Apesar de falar em entrevista divulgada ao jornal Correios Brasileiro, falando que não expulsaria nenhum estudante, 13 alunos foram expulsos, inclusive Cací.

Ela deu sorte de receber apoio para continuar estudando. Apresentei vários nomes e infelizmente ela não conseguiu se lembrar se era um deles. O que é certo é que ela realmente cursou o Curso Pré-Universitário e foi aprovada na UnB.

E essas ações do movimento estudantil foram fundamentais durante todo o processo de busca pela redemocratização, tanto que a força de repressão militar estava sempre presente para persegui-los. Os atos que mobilizavam a escola e tomavam as ruas, cumpriram um papel de comunicação entre os estudantes e a sociedade, que tomavam a mídia, as notícias, né? E isso possibilitava a adesão cada vez maior da população em busca da democracia. Bom, então, ficou claro para nós que os estudantes secundaristas do Elefante Branco e de outras escolas também, foram agentes ativos nesse processo de luta contra a ditadura militar.

Mas fica a pergunta: Uma coisa que eu queria saber é se, no momento que estava acontecendo tudo isso, vocês tinham noção do tamanho das ações de vocês?

(Cací) Não, mas a gente tinha aqueles slogans, né? O povo unido jamais será vencido, esse tipo de coisa. E você tem um fervor muito inocente, muito ingênuo, de que você realmente está junto com outras pessoas fazendo alguma coisa. Então, assim, não é uma ideia... E claro que tem pessoas nesse meio que são mais espertas, mais conscientes, já participaram de política, já viram muita coisa. Então, elas têm uma segurança diferente. Uma segurança, vamos assim dizer, baseada em determinados fatos ou vivências, né? Políticas, do pai, do tio, de alguém. Mas, vamos assim dizer, essas pessoas como eu, eu chamo de idealista, né? Essa é uma pessoa que vai contra uma coisa que acha que está errada sem ter noção do perigo, entendeu? Não tem. Essa é uma coisa que você diz, vamos fazer junto? Vamos. Então, você sai para a rua, você vai, você... Não existe tanto terror, assim, porque o terror, ele começou a ser implantado, assim, aos poucos, como você falou. Com pessoas que eram dedo duro, que estavam lá no meio, misturados, entendeu? A gente sempre ouvia falar disso. Que foi visto fulano de tal, que foi visto beltrano de tal. Algumas pessoas até conheciam essas pessoas, mas outras não. Então, assim, mas como a minha cabeça, vamos assim dizer, ela não estava preocupada com isso, vamos assim dizer, né? Os líderes estavam preocupados em traduzir as coisas com uma linguagem que todos entendessem, divulgar as coisas, por isso se fazia esse boletim, esses mimeógrafos. Eu nunca fiz, mas eu tinha muitos grupos que faziam. Então, aparecia o texto lá, né? Aconteceu isso não sei aonde, aconteceu isso não sei aonde, aí relacionando isso com outros fatos do mundo. E aí é que a gente começa a adquirir uma consciência maior de que a coisa não é tão pequena assim. Não é só uma briga dentro da escola, entendeu?

(Pedro) Eu tenho uma pergunta para você: No momento que você produzia esse jornal, você estava no período que teve o golpe, você tinha noção da grandeza daquele momento?

(Cláudio) Da nossa luta? não, não tinha. Daquele momento histórico, não, não tinha. Não, não tinha.

A gente lutava naquilo que eu te disse, né? A gente queria, né? Uma coisa restrita a um pensamento ali, juvenil, bem juvenil, né? Mas disso, uma sociedade justa, justa e fraterna, vamos usar a terminologia de hoje. Não usávamos esse nome na época, né? Uma sociedade para todos, que todos tivessem acesso, que não houvesse miséria, que não houvesse marginalidade. O que a gente queria era isso, né? Mas não tínhamos noção, sabe? Não, nem queríamos ter essa noção. A gente estava expandindo o ser nosso. Era um grupo de jovens ali, né?

(Pedro) Nessa pesquisa, eu busquei entender a relação da escola com os jovens e o quanto ela foi importante para o desenvolvimento da sua visão crítica perante a sociedade e a política. Então, eu quero finalizar justamente com isso, que a construção da nossa história pessoal, ela é repleta de passagens marcantes. É o registro de momentos, de interações e de vivências, né? Nós somos frutos do meio que vivemos, do espaço que ocupamos e estamos em constante formação. Mas é na juventude que estamos mais propensos a aprender, a agir e a nos desenvolver. Então, diante disso, fica a questão: Quais marcas o elefante branco deixou na sua vida, na sua história?

(Cací) Um pouquinho mais de percepção agora das coisas que estão, que são erradas realmente com relação ao meio ambiente, com relação a isso. Aí eu comecei a perceber melhor talvez o que fosse o cerne da minha questão em relação a reclamar, a combater. Quer dizer, nasceu dessa experiência do elefante branco, nasceu daí.

Se eu tinha algumas agruras pessoais quando eu comecei o curso normal em São Paulo, uma escola diferente, mais tradicional etc., em que uma menina de Brasília era meio esquisita, entendeu? Agora não, agora eu estava tendo umas informações que me levavam a entender que a forma como o ser humano organiza o mundo afeta muito a vida dos seres humanos.

(Cláudio) Sim, porque ali foi o espaço em que eu vivi e vivo até hoje uma mística, o ideal, essa palavra acho importantíssima. Você tem que ir além de você, ir além só de uma visão materialista, uma visão no sentido consumista, materialista no sentido consumista, matéria. Não, você tem que viver, vamos dizer assim, viver valores maiores. Esse é da solidariedade, é vital. O mundo hoje sofre por isso. Você tem que ter solidariedade, você não pode. Você tem que ir além de si.

Eu gosto muito de um filósofo humanista, Emmanuel Mounier, e ele diz assim: “a palavra existir no seu prefixo diz a nossa razão de ser. Nós somos seres de interioridade, mas que necessitam de uma exterioridade. Nós nos realizamos na exterioridade, não na interioridade”. Claro, você é você, eu sou eu, mas nós somos verdadeiramente os seres quando nós nos exteriorizamos.

Ele diz, em grego, a palavra *prosopon*, que significa pessoa, e *proso* significa fazer face, o que a gente está fazendo aqui um com o outro. Nós estamos fazendo face, nós estamos nos relacionando. Isso é ser pessoa, entendeu? Então a minha visão sempre foi essa, sair de mim. Sair, sair. Como o Papa Francisco diz, o verbo que ele usa, eu acho tão bacana, no pontificado

dele, ele começa o pontificado dele dizendo, para todos, mas obviamente para nós católicos, saiam, saiam, saiam. Sair, sair de si. O mundo está muito fechado, está muito enclausurado. Ele mesmo diz: “não construam muros, construam pontes. O muro te fecha, te enclausura, a ponte não, te comunica”.

Isso aqui é uma ponte, esse trabalho seu, eu, é uma ponte.

(Pedro) E é interessante isso que você falou, porque o seu trabalho no Elefante Branco, o que você fazia era justamente a exteriorização, do que você aprendia, do que você era.

(Cláudio) E abrindo isso, Cláudio vai se abrindo. Ele começa a gostar, a vibrar, com essa aberturazinha juvenil. E depois a vida foi. E é forte quando vem nesse momento a vida da gente. O ser já nasce aí, com 16 anos, 15, 16, pelo menos para mim, nasceu já aí. O que eu fiz foi desenvolver isso.

(Pedro) Olha, agora eu quero fazer uma breve apresentação das fontes que eu utilizei para pesquisa. Primeiro, os dois entrevistados, que construo como fontes orais. E aqui na descrição do vídeo, eu vou deixar o meu projeto de pesquisa e o relatório que produzi. Neles, eu apresento a metodologia de pesquisa e tem um debate sobre a história oral e história pública que eu convido vocês a lerem.

Outra fonte é o jornal Correio Brasiliense, onde eu pude colher matérias que contribuíram com relatos e principalmente como a forma que as informações eram passadas para fora da escola. Para conseguir isso, eu pesquisei no site da Biblioteca Nacional Digital na parte da hemeroteca. Aqui eu busco o local, o período, o periódico e busco por palavra-chave, como as que aparecem para vocês, além de elefante branco, por exemplo.

Por último, um dossiê produzido pelo Serviço Nacional de Informações, o SNI, cujo conteúdo é um relatório de investigação do ex-estudante do elefante branco Irae Sassi, irmão da Cací. Hoje, esse documento está disponível publicamente em arquivo digital ao buscá-lo pelo Sistema de Informações do Arquivo Nacional, o SIAN. No relatório disponibilizado na descrição, apresenta a bibliografia que me baseei para a pesquisa.

Então, convido a vocês a darem uma olhada também na bibliografia, que foi fundamental para conseguir fazer essa pesquisa toda. E eu quero agradecer a quem assistiu até aqui. Espero que tenham gostado, tenham aprendido algo novo e que reflitam sobre esse conteúdo.

Como falou o Cláudio, não construam muros, construam pontes. Conversem, compartilhem, tudo o que vocês sabem. Definitivamente, você não sabe tudo, sempre tem algo que você possa aprender. E é na interação que a gente cresce, surgem ideias, surgem dúvidas, e essas dúvidas motivam a gente a querer saber mais. Esse trabalho surgiu de muitas conversas, de observações que eu fui fazendo, de várias dúvidas que eu fui tendo também. E o mais interessante é que essa ideia partiu de um churrasco com um colega de trabalho do meu pai. E nesse churrasco eu conheci a sogra do colega de trabalho do meu pai. Nisso, nós ficamos conversando bastante, ela me contou que ela foi professora do Elefante Branco no período da ditadura em um período que estava à frente desse período que eu quis estudar, né? Eu quis focar mesmo nos primeiros anos da ditadura, né? 64 a 68. Eu sei que ela foi professora de algum ano mais para a frente.

Mas meu interesse surgiu justamente nesse momento do churrasco, meu interesse pelo churrasco e pelo que ela estava falando, né? Então eu comecei a pesquisar, pesquisar, pesquisar. Eu fui pegando algumas matérias na UnB, pensando já nesse projeto, pensando nessa ideia. Então eu fiz uma matéria de cultura política, cultura e política social durante o período da ditadura.

Peguei algumas matérias voltadas a isso, que me ajudaram também a realizar essa pesquisa, né? E a pergunta de pesquisa, né? Que guiou toda a pesquisa, né? Pergunta de pesquisa guia a pesquisa. Ela surgiu em um momento muito interessante. Eu estava aguardando para conversar com o meu professor orientador enquanto eu conversava com uma amiga minha.

E aí eu fui explicando qual que era a minha ideia e nisso surgiu a minha pergunta de pesquisa. Então é por isso que eu falo que é muito importante mesmo você conversar, você falar qual que é a sua ideia, porque quando você conversa, quando você fala, mesmo que seja com uma pessoa que não é da área, essa minha amiga faz educação física, né? E que é uma área bem distante da história, apesar de também ser uma área voltada à educação, né? Fui conversando assim com ela e aí surgiu essa dúvida naquele momento. Foi muito interessante porque explodiu minha mente naquele momento. Eu estava sentado num banquinho conversando assim com ela e explodiu tudo, né? Então, conversem, conversem, conversem.

Outra coisa que ajudou muito foi justamente essa conversa com pessoas de outras áreas. Então você pode lembrar que eu fiz uma interação com a sociologia e essa interação surgiu por conhecer pessoas das ciências sociais que fui conversando, conversando, conversando e foram me ensinando coisas novas durante essas conversas.

E eu comecei a ouvir sobre capital cultural, sobre hábitos, que eu acabei não falando exatamente sobre isso aqui na minha pesquisa, mas eu acabei pesquisando muito sobre isso. Então, essa interação, essa interação dos jovens, do elefante branco que fizeram eles crescerem, também me fez crescer e fazer uma pesquisa mais completa do que eu faria se eu ficasse limitado ali apenas na história. Então, parafraseando uma grande amiga minha, a Amanda, nós somos um pouquinho de cada um que passa na nossa vida e essa pesquisa tem muito disso. Ela foi um pouquinho de cada um que passou na minha vida, de cada experiência que eu tive na minha vida, principalmente nesse período de graduação. Claro que eu trouxe experiências de antes da graduação, esse interesse pelo movimento estudantil surgiu enquanto eu estava no ensino médio.

Eu também nunca fui envolvido com partido político. Apenas tive interesse de mudar a realidade. Durante o momento do meu ensino médio, eu estava revoltado com a situação política do país e decidi me movimentar e esse interesse pelo movimento me trouxe até aqui. Até pesquisar sobre o movimento estudantil secundarista do ensino médio do Elefante Branco.

Agora, uma curiosidade para vocês. Não, eu não estudei no Elefante Branco, essa camisa foi dada. Perguntei lá no Instagram, gente, pelo amor de Deus, quem estudou no Elefante Branco? Eu tive uma ideia, eu vou precisar da camisa do Elefante Branco e aí consegui encontrar quem estudou lá e consegui e me deu essa camisa. Então, não, eu não estudei no Elefante Branco, eu estudei sabe onde? No Setor Leste, camisa clássica do Setor Leste, né? Escola que eu amo muito, fez parte da minha vida, jamais esquecerei dela.

Acabei optando por não fazer a pesquisa sobre o Setor Leste, mas por oportunidade mesmo. Eu já tinha encontrado pesquisas, documentos sobre o Elefante Branco na ditadura, que acabaram deixando esse trabalho um pouco menos complicado. Sim, difícil, mas menos complicado.

E assim, independente disso, o meu amor pelo Setor Leste segue igual, tanto que eu guardo a camisa até hoje, né? Eu também tenho aqui a camisa do meu terceiro, vou tampar minha cara aqui um pouco, ela. O meu professor Marcão, o nosso padrinho, aí meu apelido aqui de Castro Alves, ninguém me chamava de Castro Alves, mas eu achava massa, então eu botei Castro Alves na camisa, mas ninguém me chamou de Castro Alves em momento algum da minha vida. E é, meu amor segue igual. Um beijo, Setor Leste, te amo.

E é isso. Muito obrigado a todos vocês que assistiram até aqui. Fico por aqui. Tchau, tchau.

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lendo o livro *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire, me deparei com a reflexão de que a tendência do homem “é refletir sobre sua própria situacionalidade, na medida em que, desafiados por ela, agem sobre ela” (Freire, 2024, p. 141) e percebi que deveria fazer algo. Por isso, este trabalho foi uma experiência que combinou a revolta que estava em meu âmago com a esperança de que um dia o homem poderá viver em uma sociedade justa, de paz e de amor ao próximo. A educação foi o caminho que encontrei para saciar minha sede de justiça social e este trabalho é o produto do esforço de anos construindo minha identidade dentro da comunidade. É o resultado da reflexão da minha situacionalidade que, desafiado por ela, agi.

A situação que gerou a inquietação foi o cenário político do Brasil que em 2018 elegeu Jair Bolsonaro como Presidente da República. Em um processo democrático, venceu um candidato a favor da ditadura, um político que durante o processo de impeachment da, até então, Presidente Dilma Rouseff, homenageou, em plena Câmara dos Deputados, Carlos Alberto Ustra, um dos maiores representantes da tortura realizada durante a ditadura militar e comandante do DOI-CODI (Destacamento de Operações de Informações - Centro de Operações de Defesa Interna).

Apesar de criticar quem votou no Bolsonaro, percebi que, mesmo com idade para tirar o título de eleitor, optei por me abster do processo. Minha percepção indicava que seria improvável a eleição de um candidato despreparado para comandar um país, mas estava errado. Diante de minha surpresa, entendi a importância de acompanhar ativamente a política e no primeiro ano de mandato, em 2019, devido à cortes de verba da educação, houveram os atos estudantis que ficaram conhecidos como “Tsunami da Educação”. Este movimento mobilizou milhares de pessoas e foi o primeiro grande ato contra Bolsonaro. Coincidentemente foi a primeira vez que me mobilizei na política e reuni diversos alunos do Centro de Ensino Médio Setor Leste, escola que estudava, para nos unirmos ao movimento.

Apesar de não ter me envolvido anteriormente com partido político, com grêmio estudantil ou qualquer outra articulação política, a situacionalidade me desafiou a agir. Quando iniciei o processo de pesquisa para este trabalho, lembrei de minha história e questionei se os estudantes perceberam que a movimentação política que culminou no golpe militar, era o início

de uma ditadura. Minha curiosidade principal estava ligada às ações estudantis contra o governo e se apenas jovens ligados a partidos políticos atuavam ou se eram alunos diversos, sem necessariamente estar conectado a grupos partidários.

Não me surpreendi ao deparar-me com a informação de que os jovens que se articularam contra a ditadura não estavam necessariamente ligados aos partidos políticos, “eram os estudantes que estavam mais conscientes, mais à frente da luta, mais mobilizados por ideias precisas com relação ao que estava acontecendo” (SASSI, Cací, 2025). Mas é interessante observar essa interação entre os estudantes, visto que a informação não circulava com facilidade como atualmente.

A principal contribuição deste trabalho foi destacar a importância do capital cultural carregado pelos estudantes e a forma que a escola trabalhou com esta vantagem através da sua pedagogia que estimulava o desenvolvimento do pensamento crítico. Assim, baseando-me através das fontes, analisei como este contexto escolar foi importante para que os estudantes atuassem contra a ditadura militar. Foi possível compreender que, apesar de não terem necessariamente noção do tamanho de sua luta, o ímpeto jovem de querer mudar a situacionalidade ao seu redor, que o deixa inconformado, foi a força motriz de suas atitudes.

Por meio da produção do documentário, espero conseguir atingir o objetivo de expandir o raio de alcance deste estudo ao preparar um produto de história pública e publicar na internet com uma linguagem acessível. Dificilmente alguém fora do meio acadêmico lê um trabalho de conclusão de curso, por isso, ao postar o vídeo no YouTube, principal site de vídeos de acesso gratuito, espero que mais pessoas tenham acesso a este trabalho, principalmente alunos e profissionais da educação básica, pois o conteúdo abordado está diretamente ligado à área da educação. Portanto, para acessar o documentário, clique no link a seguir: <https://youtu.be/1LhWSumnbk0>

## 9. REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. História dentro das histórias. In: PINSKY, Carla Bessanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 155-202
- ALMEIDA, Juniele Rabêlo de. Práticas de história pública: O movimento social e o trabalho de história oral. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo; MAUAD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo (Org.). **História pública no Brasil: Sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 47-55.
- BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: crítica social do julgamento**. Trad.: Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.
- BRASIL. **Plano de Metas (1956–1961)**. Rio de Janeiro: Presidência da República, 1959. Disponível em: <https://bibliotecadigital.gestao.gov.br/handle/777/33>. Acesso em: 07 jan. 2026.
- BUENO, José Geraldo Silveira. **Função social da escola e organização do trabalho pedagógico**. Educar, Curitiba, n. 17, 2001. p. 101-110. Editora da UFPR.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 89. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024
- GURGEL, Antônio de Pádua. **A rebelião dos estudantes**. 2 ed. Brasília: Revan, 2004
- LIBÂNEO, José Carlos. **O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 38, n. 1, p.13-28, 2012.
- MARINHO, David Glasiel de Azevedo; SILVA, André Gustavo Ferreira da. **Operação USAID: A educação e a ditadura civil-militar nos relatórios, memorandos e telegramas não ostensivos da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento (1964-1972)**. Projeto História, São Paulo, v. 80, p. 302 – 329, mai.-ago., 2024.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. 2. ed. 4ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2015.
- MEDINA, Alice Maria Corrêa. **Os sentidos do corpo e do movimento**. Maringá: Eduem, 2020.
- MÜLLER, Angélica. **O Movimento Estudantil na resistência à Ditadura Militar (1969-1979)**. Rio de Janeiro: Garamond, 2016.
- NAPOLITANO, Marcos. A História depois do papel. In: PINSKY, Carla Bessanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 235 - 289
- OLIVEIRA, Eliane C. B. **O “Elefante Vermelho” na capital da ditadura: A escola pública do Distrito Federal na Ditadura Militar (1960-1985)**. 2024. 289 f. Defesa (Doutorado em História). Universidade de Brasília, UnB. Distrito Federal, 2024.

SANTHIAGO, Ricardo. Duas palavras, muitos significados: Alguns comentários sobre a história pública no Brasil. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo; MAUAD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo (Org.). **História pública no Brasil: Sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 23-35.

SCHITTINO, Renata. O conceito de público e o compartilhamento da história. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo; MAUAD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo (Org.). **História pública no Brasil: Sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 37-46.

SCHIMIDT, Benito Bisso. O historiador-curador: A experiência de realizar uma exposição histórica voltada a públicos diversos. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo; MAUAD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo (Org.). **História pública no Brasil: Sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 275-285.

SOUZA, Edilson de. **Um plano educacional para um novo tempo: Anísio Teixeira e as escolas classe/escola parque de Brasília**. Caderno Eletrônico de Ciências Sociais, Vitória, v. 3, n. 2, p. 39 – 52.

## 10. ANEXOS

### 10.1 TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA CACÍ SASSI

O curso normal, porque eu não consegui vaga, minha mãe meio que me enrolou, sabe? E eu fiz muito ao contragosto, e eu descobri que era uma coisa muito estranha, porque aquilo que eles chamam de curso normal é para formação de professores, existem determinadas técnicas de ensino para as crianças. Então você faz curso de didática da história, didática da literatura, da matemática, didática, e essa didática é como ensinar aquele conteúdo mais primário que eu já tinha estudado como aluna de primeiro grau, entendeu? Então, aquilo me espantou, porque eu não tinha entrado em história geral, quer dizer, o que eu entraria no curso científico, que eu chamava de científico, não ia ter nenhuma informação sobre aquilo, sobre geografia geral, sobre biologia química, nada. Então, porque essa biologia química não se ensina no primário, e a professora a função é ensinar no primário, pelo menos era o objetivo do curso normal na época.

E aí eu fiz o curso, muito revoltada, o primeiro ano, e a minha mãe voltou para Brasília. Quando ela voltou para Brasília, pronto, me matriculou no Elefante Branco, que era onde tinha o curso normal. Só tinha no Elefante Branco, naquela época? Só tinha no Elefante Branco, e o

Elefante Branco também oferecia o clássico e o científico. E foi a escolha do meu irmão, fazer o clássico e eu fazer o curso normal, porque eu já estava no primeiro, passei para o segundo. Mas, a primeira surpresa quando eu cheguei no Elefante Branco, o curso normal era de manhã, o científico e o clássico eram de tarde. Ou seja, a maioria dos alunos eram alunas.

Então, nós que estávamos fazendo o curso normal não tínhamos acesso aos meninos. Você pode achar isso engraçado, mas era assim, era uma questão de convivência, eu fui criada com... isso daí você já está gravando? Ah, é, estou gravando já. Pequena interrupção. Eu já estava acostumada com meninos na minha vida, né? Três homens, na verdade. Então, aquilo ficou meio discrepante e eu também sentia que não havia, dentro do conjunto de meninas e tudo mais, alguém que tivesse diálogos mais avançados, porque os meus irmãos estavam indo para frente, avançando, vendo novidades, entendeu? Já tinham, assim, descoberto determinadas coisas da realidade que eu não tinha visto, mas que eu já estava recebendo por osmose, por convivência com eles. Por exemplo, a gente foi educado católico, ia na igreja, teve até um dos meus irmãos que queria fugir para ir para o seminário lá em Anápolis, ser padre.

Por quê? Porque a gente tinha uma educação muito voltada para o humano, para apreciar realmente a humanidade, a beleza, a bondade etc. Então, nós tínhamos exemplos, vamos assim dizer, religiosos, no sentido de formação de caráter. E aí, de repente, meus irmãos disseram, não, não vamos mais na igreja, porque a igreja é responsável por atrocidades incríveis ao longo da humanidade, da história etc.

Quer dizer, por que eles estavam com essas informações? Porque eles já estavam estudando história, já estavam estudando geografia, e eu tinha feito, já perdido um ano estudando curso normal. Aí, eu comecei a ficar revoltada e queria, de alguma maneira, que o curso normal passasse para a parte da tarde, porque era isolado mesmo, era de manhã e de tarde aqueles outros cursos. E aí, surgiu essa oportunidade, surgiu a eleição para o Grêmio estudantil, e eu me candidatei pelo curso normal e meu irmão pelo curso clássico.

Por isso que eu sinto meu irmão ir à lei, porque ele estava sempre à frente. Bom, ele já tinha mais informação, ele já era mais atualizado sobre as questões políticas, etc, etc. E eu comecei a me envolver nas questões políticas, porque eu vi, assim, que era uma questão de ter, a gente teria que protestar, a gente teria que fazer cartazes, a gente teria que se mobilizar, ver se as outras pessoas concordavam. Quer dizer, a forma de mudar as coisas era você mostrando que você queria que houvesse mudanças, né? Mas eu não tinha metade do conhecimento dele, assim, da realidade, das características, dos, enfim, dos noticiários que ele já acompanhava

muito mais etc. E aí, eu comecei a conviver no Grêmio, porque eu ficava de manhã para o curso normal e de tarde eu ia para o Grêmio e ficava a tarde inteira. Então, assim, era uma fase que a gente ainda tinha uma influência do hipismo no mundo, eu costurava minhas roupas, fazia umas batas soltas, fazia bolsas de couro, entendeu? Cabelo solto etc.

E esse personagem, né, que é quase um personagem, era muito agradável para os meninos e interessante para eu poder conviver com outras pessoas de outras classes e outros cursos, né? Mas eu sempre me defrontava com pessoas que tinham conhecimento real político, porque no Elefante Branco tinha filho de deputado, filho de senador, filho de político, de todos os tipos. Então, assim, eles ouviam, nasceram com esse meio ambiente que favorecia as informações, enquanto que eu não, né? Não tinha, a não ser meus irmãos. Então, eu me sentia um pouco triste quando chegavam e faziam perguntas, tipo, você não sabe de nada, você sabe o que é AP? Então isso aí mais ou menos revela uma coisa que é muito pura ainda no adolescente, apesar dele estar começando a se posicionar diante do mundo, começando a querer, vamos assim dizer, entender esse mundo, entender o que é o certo e o errado e começar a formar sua própria opinião.

Já existe gente, vamos assim dizer, com influência de pais e mães e tudo mais, que são, vamos assim dizer, direcionados para um outro foco. Então eles já têm uma ideia política diferente da sua, eles já têm uma ideia que leva mais para os interesses comerciais, e às vezes eu me defrontava com essas pessoas, e eu via que eu não tinha vocabulário para argumentar. Aí eu ficava durona, coisa e tal, mas participava de quê? Participava de reuniões, que é muito comum isso entre estudantes secundaristas, se convocava às reuniões a partir de algum acontecimento, então se houve algum tipo de repressão em algum lugar, alguma tentativa de reunião de determinados lugares, que a gente ficava sabendo que foi reprimida, ou que as pessoas não conseguiram fazer.

Então se faziam cartazes de protesto, que era o que a gente mais fazia dentro da área do Elefante Branco, até que culminou depois de, quando saiu, eu não sei se foi em termos de data, quando saiu a expulsão ou antes de sair a expulsão, mas ocupamos o colégio, e aí você vai ter que recuperar o motivo dos estudantes secundaristas terem se rebelado, porque a gente fazia movimentação de rua, saía pela W3, levava mangueira de água dos bombeiros, se refugiava atrás daqueles pontos de ônibus, mas em termos de datação, houve fatos, não sei se foi a morte dos estudantes do Rio de Janeiro, ou sei o que foi, do Edson Luiz, que a gente ocupou o colégio. Você não vai conseguir extrair de mim uma informação disso assim, você estava na liderança?

Não, eu era uma pessoa que simplesmente estava querendo entender o mundo, querendo realmente, ficava revoltada, por que as coisas são assim, que é uma coisa que eu vejo hoje nos meus netos, por que tem que ter esse horário, por que tem que ter essas aulas chatas, quer dizer, havia um questionamento, e a tristeza é que não havia uma resposta, havia uma espécie de parede bloqueando qualquer diálogo, qualquer tipo de informação, que fosse produtiva para essas mudanças. Quer dizer, ninguém se disporia a me receber, receber uma aluna que estava reclamando, porque queria passar para a turma da tarde, porque tinha convivência com os outros alunos, ninguém poderia, não havia essa abertura para absolutamente nada, como, aliás, a abertura para você evoluir as coisas é muito difícil, mesmo nos tempos atuais, eu vejo meus netos reclamando de determinadas regras da escola, que não correspondem ao que eles gostariam, e a escola já tem uma estrutura muito fechada, muito demorada de evoluir.

Bom, então, essa ocupação, sempre surgem coisas assim, você não pode imaginar, surge um tecido de fazer flanelógrafo, que existia um flanelógrafo antigamente, é um quadro de avisos feito com flanela, ou feito com flanela, ou feito com feltro, chamava flanelógrafo, porque também teve quadros assim, mas, assim, se fazia, esticava bem, botava em uma moldura, e aquilo se envia para você colocar recados e tudo mais, né? Mas, então, surgiam pedaços de feltro, por exemplo, então, a gente se enrolava nesses feltros e ia lá para cima do colégio, para o teto do colégio, para fazer uma turma de acompanhamento, para ver se ia vir polícia, se não ia vir polícia, se alguém ia chegar lá etc. Isso eram os grupos de trabalho? Não, isso eram os estudantes que estavam mais conscientes, mais à frente da luta, mais mobilizados por ideias precisas com relação ao que estava acontecendo.

Então, se, por exemplo, alguma pessoa começasse a divulgar que o acordo MEC-USAID, que era um acordo com os Estados Unidos, era uma coisa prejudicial para o ensino brasileiro, então se fazia cartaz para isso. Então, assim, alguém tinha uma informação, trazia para o grupo, o grupo discutia, e aí começava a se produzir cartazes etc. para a mobilização geral. Mas já havia essa consciência da ditadura militar, então, abaixo ditadura era sempre o lema mais utilizado e tudo mais.

E, claro que acontecimentos de sumiço de pessoas que começaram a acontecer, enfim, dessas ações que você vai ver, com certeza consegui depoimentos profundos da parte dos meus colegas, que estudaram lá, e que afetaram muito mais a estrutura familiar e tudo mais, e que, vamos assim dizer, eu só posso relatar que, depois do Elefante Branca, que as coisas pioraram para a minha família. Não pioraram nessa época, pioraram depois. Então, depois é que nós

ocupamos o Congresso Nacional também, pedindo apoio dos deputados.

Então, o que eu quero dizer? Eu não sou uma revolucionária partidária extremamente consciente, não, eu sou uma pessoa que simplesmente dentro do meu ponto de vista, as pessoas estavam sendo manipuladas, as pessoas tinham poucas informações, não havia clareza de propósito do governo existente, enfim, era como se você não tivesse direito a dar opinião, não tivesse direito a se expressar, direito a reclamar de nada, entendeu? Então, assim, era um sentimento mais primitivo da minha parte, eu vou dizer com toda sinceridade. E isso perdurou por toda a minha vida. Fui convidada para participar de um partido, que meu irmão conheceu, já havia gente lendo Marx, já havia gente lendo Engels, naquela época já havia gente.

Nossa, o livrinho vermelho de Mao, Mao Tsé-Tung, era uma coisa assim, era uma coisa que você queria conseguir, eu acho que eu já tive com ele nas mãos, eu nunca li o que ele dizia ali, então essa minha superficialidade, essa minha rasura com relação intelectual e de conteúdo, ela se deve a uma coisa que eu só fui descobrir muito mais tarde, que foi a possibilidade de eu ter autismo. Então, assim, eu compreendo a luz dessa novidade que só fui descobrir aos 40 e tantos anos, porque eu não conseguia me aprofundar, apesar de receber as informações, porque tinha informes, tinha jornaizinhos feitos com memiógrafa, tinha um monte de coisa, eu lia, mas aquilo ali era um conteúdo que ele se esvaía diante da minha forma neuronal de interpretar as coisas, mas eu continuava lutando, porque eu sentia que eu estava lutando para o bem, quer dizer, para o bem das pessoas mais pobres, para o bem das pessoas que estavam injustiçadas, para o bem, então essa base que eu já tinha do catolicismo, de fazer o bem, etc., ela perdurou, e principalmente de entender que determinados poderes, às vezes, são contra o ser humano, então a igreja se aliava aos reis, a igreja se aliava a não sei quem, então começou a haver um contraste entre eu e praticar uma missa, que um católico tem que ir lá pelo menos uma vez por ano, e simplesmente eu descobri que a igreja toda foi responsável por muita manipulação e muita coisa desdita para o próprio ser humano, então eu ainda continuei, claro, na minha busca espiritual, não parei por causa disso, me considero uma pessoa cristã, mas uma pessoa que tem um pouquinho mais de percepção agora das coisas que estão, que são erradas realmente, com relação ao meio bebede, com relação a isso, aí eu comecei a perceber melhor talvez o que fosse o cerne da minha questão em relação a reclamar, a combater, quer dizer, nasceu dessa experiência do elefante branco, nasceu daí, se eu tinha algumas agruras pessoais quando eu comecei o curso normal, em São Paulo, uma escola diferente, mais tradicional, etc, em que uma menina de Brasília era meio esquisita, agora não, agora eu estava tendo umas informações que

me levavam a entender que a forma que o ser humano organiza o mundo afeta muito a vida dos seres humanos.

Aí sim, fiz a partir daí, fomos chamados na diretoria com ordens do SNI, eles falavam ordens superiores, para nos tirar do elefante branco. Aí aconteceu uma coisa que é sensacional, que eu quero deixar registrado para todos os séculos. O diretor da escola me recebeu e meu irmão junto e falou o seguinte, vocês são ótimos alunos, vocês têm ótimas notas, nunca vi vocês depredando nada, vocês não têm nenhum comportamento ilícito dentro do do colégio e eu sou contra a expulsão de vocês. Mas se eu não expulsar vocês, eu vou ser expulso. Então eu quero fazer uma coisa por vocês. E sabe o que ele fez por nós? Ele pagou para mim e para o meu irmão um cursinho chamado pré-universitário, que tinha recém chegado à Brasília, quando começaram esses cursos preparatórios, para você passar no vestibular, e esse curso foi montado por alguns professores, aqui de Brasília mesmo, e aí surgiu o seguinte problema, eu tinha dois anos de curso normal, meu irmão tinha dois anos do curso clássico. Qual dos dois cursos seria mais fácil de adaptar ao curso científico? Eles estavam nos oferecendo uma vaga no científico, o cursinho preparatório para o vestibular é científico, não tem outra. E nós topamos assim mesmo. Eu queria que você me ajudasse a recuperar o nome desse professor, porque ele realmente, eu já tentei achar, não consegui, e ele foi, vamos assim dizer, aquele que deu a guinada nas nossas vidas. E a gente podia ter ficado parado no curso da história. Uma expulsão significa dez anos sem poder matricular em colégio público. Nós não tínhamos dinheiro para colégio particular, então a nossa vida teria sido interrompida aí, entendeu? E aí, pode falar.

Nossa, eu anotei várias coisas, antes de tudo eu só gostaria de dizer que não, você tem sim muito conhecimento do que aconteceu nessa época, porque você foi falando e assim, eu já estudei algumas coisas sobre isso, é a primeira pessoa com quem eu conversei, mas eu tenho algumas informações e só eu pretendo voltar no Elefante Branco só depois. Antes de tudo eu vou falar, era o diretor César? César? É porque assim, eu tenho o caso de que o Grêmio Estudantil fez uma solicitação à diretoria para mudar algumas coisas, como lixeiras, algumas coisas. E aí, deu um prazo de acho que uns três meses e até depois das férias, para cumprir. E não é assim que vocês voltaram das férias? Isso em 68. Assim que vocês voltaram das férias, vocês fizeram uma assembleia, só que sem o diretor. E aí, o diretor quando voltou e ficou sabendo disso, ele ficou muito irritado, parece que ele quebrou tudo lá da diretoria, e dissolveu o Grêmio Estudantil e expulsou os alunos. Esse diretor é o César, mas eu não consegui achar o sobrenome dele, eu posso... César Gonçalves, esse não é familiar?

Não, é familiar sim, professor César, mas eu não consigo associar ele à pessoa que nos ajudou, realmente. Então, você vai me prometer que ao longo das pesquisas, vai descobrir se eles colocaram outro diretor no lugar desse daí, eu me lembro dessa dissolução do Grêmio, você falou, eu me lembrei, e vai me trazer o nome desse sujeito para eu agradecer, porque meu irmão passou 25 anos fora, quando ele chegou aqui, ele falou assim, cadê o professor que nos ajudou?

E eu sei que em algum lugar aqui desse doutorado, tem o nome do diretor que era anterior a esse. Então, tá, ele era mais bonzinho do que esse César, porque do que tem aqui, eu até achei meio estranho. O César era radical. Era radical e...

É isso mesmo. Que ele apoiava o regime, né?

Então, assim, isso seria estranho. Eu vou procurar aqui, mas aí, para a gente dar continuidade, eu queria falar do território livre, mas não agora, eu só queria te falar o que causou, o que levou vocês a ocupar a escola. Você falou que não lembra, mas aí, eu posso te ajudar nisso. Então, me ajude. Tinha o colégio agrícola de Planaltina. Isso. E aí, ele tinha sido ocupado pelos policiais. Isso. E aí, isso causou uma revolta em vocês. E juntando já a revolta do social, do que estava acontecendo, mais a do colégio agrícola, mais uma ocupação policial que estava tendo na escola de vocês, só que assim, leve, não era assim, os policiais se expulsaram todo mundo. Eram policiais infiltrados. E aí, vocês resolveram ocupar o CEMEB, mas não para fazer greve, e sim para reivindicar e para funcionar melhor a escola. Por exemplo, aqui diz que vocês reativaram a biblioteca e estavam funcionando a escola perfeitamente com o território ocupado. Nossa, eu fiquei encantado quando eu vi isso aí do território livre. Eu admiro muito essa geração de vocês.

Era território livre, exatamente, a ideia era essa. Enfim, sim, foi por causa do colégio agrícola. Sabe, assim, eu tenho lapso de memória, não é porque, assim, passou o tempo, é porque eu não registrava na hora, não registrava dentro de mim, como foco do meu interesse. Uma coisa que eu queria saber é se, no momento que estava acontecendo tudo isso, vocês tinham noção do tamanho das ações de vocês? Não, mas a gente tinha aqueles slogans, né, o povo unido jamais será vencido, esse tipo de coisa, e você tem um fervor muito inocente, muito ingênuo, de que você realmente está junto com outras pessoas fazendo alguma coisa. Então, assim, não é uma ideia, e claro que tem pessoas nesse meio que são mais já espertas, já mais conscientes, já participaram de política, já viram muita coisa, então elas têm uma segurança diferente, uma segurança, vamos assim dizer, baseada em determinados fatos ou vivências políticas, do pai, do tio, de alguém, mas, vamos assim dizer, essas pessoas como eu, assim, eu

chamo de idealista, essa é uma pessoa que vai contra uma coisa que acha que está errado sem ter noção do perigo, entendeu? Não tem, essa é uma coisa que você diz, vamos fazer junto, vamos, então você sai pra rua, você vai, você, não existe tanto terror assim, porque o terror, ele começou a ser implantado assim, aos poucos, como você falou, com pessoas que eram dedo duro, que estavam lá no meio, misturados, entendeu? A gente sempre ouvia falar disso, que foi visto fulano de tal, que foi visto meutrano de tal, algumas pessoas até conheciam essas pessoas, mas outras não, então, assim, mas como a minha cabeça, vamos assim dizer, ela não estava preocupada com isso, vamos assim dizer, os líderes estavam preocupados em traduzir as coisas com linguagem que todos entendessem, divulgar as coisas, por isso se fazia esse boletim, eu nunca fiz, mas tinha muitos grupos que faziam, então aparecia o texto lá, aconteceu isso não sei aonde, aconteceu isso não sei aonde, aí relacionando isso com outros fatos do mundo, e aí é que a gente começa a adquirir uma consciência maior de que a coisa não é tão pequena assim, não é só uma briga dentro da escola, entendeu? Tá, eu quero voltar pro assunto do CEMEB só depois, antes é que eu fiquei curioso com a fala sua, que você falou que a vida de vocês complicou depois do CEMEB, e você fala muito do seu irmão também, então eu, porque assim, a minha pesquisa ainda não tem algo definido do que vai ser, porque vocês são fontes da minha pesquisa, então uma das possibilidades do que eu posso trabalhar é trabalhar também sobre a dor pós os acontecimentos, assim, pós repressão e por exemplo, quando vocês foram expulsos, né? Então você já falou da dificuldade que você teria se esse professor não tivesse aparecido, né? Nós estaríamos no sal, já seria, assim, um infortúnio pra mim e pro meu irmão.

O que que aconteceu? Fizemos esse curso de um ano, né, esse cursinho preparatório era nessas salas da W3, alguma sala inalugada, e eu com uma dificuldade gigante, porque eu não tinha nenhum conhecimento, eu vou pular depois pra o que você estava me perguntando, não tinha nem o conhecimento de física, química, geografia, história, dessas matérias que compõem os cursos mais científicos, mais pro lado social. E eu tirava invariavelmente dois, três, porque eu não sabia nem o que eu tava, entendeu? Biologia, imagina. Então, eu me esforçava, bastante, né? E quando chegou no final do ano, a UNB fez a... abriu um determinado ponto do mês que não coincidia com o final do ano letivo nesse cursinho, esse final do ano letivo era um pouquinho mais adiantado, mais para dezembro.

Eu fiz o vestibular e passei pra Cinema, e meu irmão passou pra Engenharia Civil. Tinha Cinema naquela época, que hoje não tem mais Cinema. Exato. Aí o que aconteceu? O curso, os diretores do curso se reuniram e discutiram o seguinte, a nossa intenção de fazer esse curso é

para exatamente preparar o aluno para entrar na universidade. E nós temos dois alunos aqui, o Iraê passou, né, no final, e eu não. Então, eles fizeram umas contas, fizeram uns testes comigo etc. E resolveram me dar a aprovação, porque pra eles era mais vantagem, eu tinha cumprido a finalidade que era passar no vestibular, né? Aí começou a pegar a confusão. Nós fomos nos matricular na UnB, né, as matrículas eram feitas numa pequena construção que tem, que é o Cinema da UnB, que tem um cinemazinho, era feito num bloquinho do lado da Reitoria. No bloquinho do lado da Reitoria, fica mais claro. E o Iraê, de cara, eles falaram que ele estava impedido de ser matriculado. Eu não estava mais com ele, eu fui de casa pra lá pra fazer minha inscrição, e eles começaram a me enrolar. Não, você ainda não pode, você espera só um pouco que a gente tá resolvendo uns negócios aqui, não sei o que, e começaram, assim, a me enrolar.

Eu fiquei mais ou menos umas três horas em volta do bloquinho, entendeu? Esperando, e finalmente eles disseram, não, tá, você pode matricular. Nunca ninguém entendeu porquê que aconteceu isso, porque o nome dos dois estava sujo, vamos assim dizer, né, e eu entrei pra UnB. Aí fizeram, até tinham uns caras bem fascistas lá, que a gente chama, acho que todo mundo faz coisas assim, muito agressivas, né, de fascistas, e vieram com uma lata de spray, tinha um cabelo enorme, e espirraram o spray em mim, assim, de escorrer, entendeu, não era uma brincadeira, não era uma coisa de, ah, você passou, era uma coisa assim, agressiva mesmo, né, e aí eu tive até que cortar o cabelo todo, porque não deu pra limpar, pra tirar, porque era spray mesmo, de óleo, tinta óleo, né, mas enfim, a partir daí, a busca da minha família, a busca policial em torno da minha família, o Iberê já tinha entrado na UnB há mais de dois anos, já estava como líder do do DCE, né, e comum ter polícia embaixo do meu bloco.

A essas alturas, a gente já tinha saído da W3 Sul, que era o lugar que a gente morava, já tinha havido muitas mudanças na nossa vida, e nós estávamos morando na 405 Norte. Então, a 405 Norte, famoso Bloco B, do lado do Bloco A, onde morava o Honestino Guimarães. Então, nós fomos, quer dizer, os meus irmãos, né, porque como sempre, a Cassi é a parte, vamos assim dizer, que foi criada de uma forma mais, não tão expandida, né.

Enfim, então, eles estiveram juntos, militaram juntos, só que o meu irmão Iberê foi preso, e aí junto com um monte de estudantes, houve uma mobilização popular gigante para eles serem soltos. Eles ficaram, sei lá, 23 dias, não sei quantos dias, ficaram presos, depois foram soltos, mas continuou essa demanda, essa perseguição. Era muito comum encontrar pessoas estranhas embaixo do outro prédio, e o meu irmão Iraê, que estava mais envolvido, porque o Iraê tinha descoberto uma coisa que ele gostou muito, que existia um partido trotskista,

e existia um cara chamado J. Posadas.

Esse J. Posadas era um argentino, e ele tinha se engajado, vamos assim dizer, emanado com as ideias de trotsk, e feito um partido trotskista de linha posadista, do qual eu me considerava membro. Devia ter uns 5 ou 6 membros aqui em Brasília desse partido, mas só para, acho que, estar, né, participando, que eu participava de algumas reuniões só, eu não era aquela pessoa que ficava saindo de noite para fazer reunião, mas o meu irmão, sim, era mais ativo, e ele sofreu mais essa perseguição, né. O fato é que o Iraê não conseguiu entrar na UnB, mas começou a fazer cartazes de protestos, e os cartazes de protestos que ele fazia eram desenhos.

Então, ele tem uma caricatura muito boa, e ele fazia a polícia batendo nos estudantes, ele fazia, aí teve a invasão da UnB, aí ele fez um monte de cartazes sobre isso, então ele era procurado pelos cartazes. Ele não tinha entrado na UnB, não deixaram, né. Mas deixaram a mim também, nunca soube o porquê. E ele acabou tendo que se refugiar, teve que sair de Brasília. Teve que ir para São Paulo, teve que ir para outros lugares. Porque era... diante da prisão do Abaeté, que era o irmão mais velho dele, ele não... e de algumas coisas meio malucas do meu próprio pai. E instalado lá nos altos poderes espirituais do Vale do Amanhecer, resolveu declarar para a imprensa que os filhos dele nunca seriam presos, porque eles protegiam espiritualmente as criaturas. Então, meu irmão ficou muito revoltado nessa época do meu pai, porque ele estava vendo as pessoas serem presas, ele estava ouvindo falar, ele estava escutando as notícias. E ele disse, bom, só faltou botar uma flecha apontando em mim a direção. Enfim, ele foi para São Paulo, arranjou um emprego lá, começou a trabalhar e tudo mais. Sempre ligado a esse Posadas, Jota Posadas. E até que a situação foi ficando mais feia, mais feia, Honestino sumiu etc. Teve movimento na Araguaia, teve um monte de... E acabou que ele foi... Jota Posadas o convidou para ir para a Itália. Jota Posadas estava refugiado na Itália. E ele chegou lá e o Posadas foi como se fosse um pai para ele. Uma pessoa amorosa, uma pessoa que já tinha uma ideia de disco voador, sobre... sei lá. Ele tinha uma percepção mais aberta para as possibilidades. Não sei se de ecologia, como se fala hoje, mas ele já era um cara antenado, que o mundo não era uma coisa pequenininha, era uma coisa maior. E parece que pouco tempo depois que o meu irmão chegou na Itália, o Posadas teve um infarto e morreu. Então, assim, ele aí ficou lá. Ficou lá, foi estudar todos os textos, os estudos que tinha. Começou a organizar a biblioteca do Posadas, etc, etc. Montou uma editora socialista.

Mas aí, esse sistema que você tem, pagar o funcionário, pagar a hora essa, pagar isso,

pagar aquilo, impostos etc. A não ser que você faça alguma coisa bem capitalista, mesmo de vender algum produto que seja facilmente vendável, você dificilmente consegue manter uma pequena empresa na Itália. Pelo menos assim aconteceu com ele. E ele teve que largar a editora e ele passou a ser um tradutor. E ele dava cursos de informática etc. Então, ele passou a ser tradutor do italiano, do inglês que ele dominava, do espanhol que ele dominava bem. Enfim, ele passou a fazer uma coordenação entre países. Ele viajou para cá, viajou para lá, foi à China, foi a não sei onde. Ele passou a fazer um circuito mais amplo, tanto nesses treinamentos que eles dão para, por exemplo, refugiados.

Ele ajudava muito nessa parte da informatização etc, dessas comunidades menos privilegiadas. Bom, voltando ao meu caso, o que aconteceu? Eu fui fazer o cinema, estava lá fazendo o cinema toda feliz, e de repente começaram as ondas de demissão na Universidade de Brasília. Então, simplesmente começaram assim, pegavam o currículo do professor, ah não, você não tem doutorado, ah não, você não comprovou suficientemente o seu bacharelado, o seu isso e aquilo etc. Por quê? Porque para esses cursos, eles convidavam pessoas que tinham o conhecimento de causa. Eram pessoas que tinham trabalhado com direção de cinema, eram pessoas que tinham trabalhado com iluminação, eram pessoas que tinham o conhecimento da prática. E eles não queriam exigir títulos e títulos para que a pessoa, quer dizer, na verdade, para reprimir essa área, vamos assim dizer, que é tão poderosa, que é o cinema, e simplesmente fecharam a cadeira de cinema.

Fecharam a cadeira de cinema e fizeram o seguinte, tinha dois ou três alunos, Fernando Torinho, tinha mais uma oriental, que eu não lembro o nome dela agora, que já eram alunos lá do finalzinho, dos últimos semestres, e eles foram obrigados a passar esses alunos para Belo Horizonte, onde tinha uma faculdade de cinema, para eles terem o direito de terminar os seus cursos. Mas quem ainda estava fazendo alguma matéria do básico, teve que optar entre jornalismo, relações públicas e rádio e TV. Aí eu fiquei realmente desanimada com isso, fui fazer jornalismo, mas eu fazia muitas matérias por semestre, muitas, daria para ter terminado relações públicas, daria para ter terminado o que eu quisesse.

Dez anos depois, antes de passar dez anos, eu voltei para a UnB, porque existia uma regra, que até dez anos você pode fazer um novo curso universitário. E aí eu voltei para fazer artes plásticas, aí entrei no departamento de artes, frequentei etc. Mas a minha mídia já estava mudando muito, e faltando seis meses para terminar, eu abandonei.

É meio estranho, é meio estranho. Mas você chegou a formar em jornalismo, né?

Cheguei a formar em jornalismo, e comecei a viver disso. E o que aconteceu? Nesse cursinho pré-universitário que a gente tinha, eles tinham um convênio com a escola Dom Bosco, ali onde é aquela Catedral Dom Bosco, eles tinham de alugar de salas no fim de semana. Então, sábado tinha aula dentro do Dom Bosco. Aí, nesse encontro ali, porque juntava, porque eles tinham sala alugada em um lugar, tinha sala alugada em outro, davam aula também no La Salle, se não me engano. Eu sei que juntava ali os alunos que queriam os reforços, etc. E foi aí que eu conheci o meu marido, né? Meu marido. Então, o que aconteceu? Nós fomos juntos até um certo ponto, entramos na UnB no mesmo ano, mas eu comecei a fazer filhos, assim, sem muita percepção de onde eu queria chegar etc. Eu nunca tive muita clareza sobre essas questões práticas do dia a dia.

Tem gente que diz assim, eu vou primeiro arranjar um emprego, depois eu arranjo um apartamento, depois eu vou comprar um carro, ou comprar um carro primeiro, depois o apartamento, e depois eu vou casar.

Não, outro dia eu estava no Uber, e aí ele, é porque era Dia das Mulheres, aí eu estava indo para a casa da minha namorada, ela mora com a tia dela, e essa é a primeira vez que eu ia para lá. Então, eu estava levando flores para a minha namorada e para a tia dela. Aí eu também estava levando uma sobremesa, assim, porque eu estava chegando, assim, pós-almoço, mais ou menos, eu falei, vou levar uma sobremesa, eu preparei uma sobremesa, coisa linda. Aí eu estava no Uber, aí, conversando assim com ele, aí ele, ah, essas flores, ah, não, para a minha namorada dela, tá, legal. Você estava com quantos anos? Eu, 22. Ele já está na idade para casar, né? Eu, pelo amor de Deus, tá doido!

Mas, para você, então, você deveria ter, mais ou menos, 18 anos? Eu estava com 17. 17, e já estava com o filho. Estava com 17 anos. Não, 17 anos, aí começamos os dois na universidade, como, né, como namorados, e engravidei, claro. Aí, depois, houve o casamento, fiz esse casamento, mas, assim, eu não tinha um planejamento para isso, né, então, assim, você vê que essas questões neurodivergentes fazem com que você também incorra em determinadas mancadas, vamos assim dizer, que é não conseguir triar na sua frente o que é bom, produtivo, o que você quer, o seu objetivo. A gente não é tão racional, tão maquiavélico, entendeu? Maquiavélico não no sentido mal, mas no sentido, assim, de premeditar as ações etc.

Então, eu fiquei, eu tive sete filhos, na verdade, perdi três, e isso me ocupava extremamente. Então, a questão da política, ela passou a ser uma coisa, assim, de apoio, por exemplo, de apoiar meu irmão que estava refugiado em São Paulo, na época que ele estava

refugiado, de apoiar ele depois que ele foi para a Itália, por exemplo, eu já estava como editora de um jornalzinho infantil, então, eu contratei ele para fazer desenhos infantis para o jornalzinho, entendeu? Então, assim, havia esse apoio, essa reza intensa para que nada acontecesse com ele, porque a gente sabia que era uma pessoa do bem, e eu não tinha tempo nem para respirar, quanto mais para fazer política, mas essa base esquerda, essa base política sempre existiu, então, eu pude atuar pelo menos mais conscientemente quando eu ia decidir em quem que eu ia votar, etc, etc. E é estranho a gente falar que se considera uma pessoa de esquerda ou de direita, mas, na verdade, se você decodifica o que quer ser uma pessoa de esquerda, o que quer ser uma pessoa de direita, e você tem uma certa neutralidade para observar, você vai preferir a esquerda, no sentido do humanismo, da intenção, vamos dizer, com relação ao outro, ao ser humano.

Acho engraçado, mas a religião acabou me levando para o lado esquerdo, não o lado direito. Hoje seria o contrário, geralmente a religião acaba levando o pessoal para a direita. A religião sempre foi careta, mas, de alguma maneira, ela conseguiu cativar em mim o que era o bem, o que é você fazer bem para o outro, o que é você... Claro que você vai melhorando isso, depois você vai vendo que não é a caridade, não é você dar um pãozinho para o sujeito e pronto, é uma coisa muito mais abrangente.

Nesse sentido, a minha consciência se expandiu. Eu vejo que então você, assim, na minha visão, você realmente entendeu o que Jesus queria dizer e não só seguiu, tipo, a igreja está falando isso, então eu vou fazer. Você começa a ficar mais esperto, mais consciente, não como uma coisa de terror, uma medida que vai ficar medindo seus pecados, os seus erros, as suas não virtudes, mas você vê que é uma mensagem, é muito clara, uma mensagem que você tem que dar um salto de consciência.

Amar uns aos outros não é para qualquer um, não é brincadeira, porque você depois vai ver que você tem que se amar. Para se amar, você tem que conhecer seus defeitos, tem que reconhecer esses defeitos e tem que aprender a se aceitar. Aí você pode começar a pretender olhar para o outro com um certo carinho, porque nem amor, amor, amor, você não é muito... É que nem eu falo assim, que eu sou espiritualista, eu gosto de seguir as linhas do espiritismo, da Umbanda e tudo mais. Então assim, tem um dos lemas do espiritismo, que é amar a Deus... Tipo assim, se pudesse resumir, aí o espiritismo diz que amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo. Aí eu falo, a gente ama Deus sobre todas as coisas, mas o próximo como a si mesmo é um pouco difícil, amar o outro como eu me amo, poxa, é difícil, eu tento, a

gente tenta, mas é muito difícil.

Aí que tá, eu fui aprendendo, foi o meu negócio, então caiu para o lado desse aprendizagem, que é como fazer o amor resolve tudo, afinal de contas, a gente teve muita influência dos Beatles e todas as mensagens fantásticas que eles trouxeram em termos de amor, de paz, disso, daquilo, e aí eu ficava com essa incógnita, amar ao outro resolve, como fazer? O amor resolve tudo, e esse tipo de coisa. E aí foi que eu encontrei já pessoas com mais caminho do que eu, que me disseram, minha amiga, é isso que você quer saber? É seu problema esse? Então é o seguinte, você se ama? Então me fizeram essa pergunta de uma forma bem contundente, aí eu fiquei tentando dizer, entre o gosto de mim mesmo, entendeu? E a dúvida cruel, mas você vai estrinchar aquilo ali melhor, você vê que não gosta do seu invejoso, você não gosta do seu ladrãozinho que já roubou caneta de colega, você não gosta daquele que tem inveja, você não gosta das partes que você considera feias, erradas e do mal, e aí você vai ter que fazer uma revisão disso daí. Esse ladrãozinho, ele vai viver aqui a vida inteira, se ele vai atuar ou não vai depender de mim. Essa invejosa aqui, ela vai existir, porque veio tudo quando você absorve essa cultura terrestre, você localizada nesse espaço chamado Brasília, nessa família chamada Sassi, das quantas, você absorve tudo que você viu, as intrigas, as coisas, as heranças genéticas poderosas, de pessoas que já lutaram, já brigaram, já roubaram, já mataram, e aí, quando você começa a fazer essa revisão, você começa a tirar o que não é, você começa a dizer assim, não, eu não sou esse personagem, eu não sou esse signo, eu não sou essa, eu não sou só filha da fulano e fulano, eu tenho uma genética muito mais extensa, mas eu também não sou só genética, eu sou o meio que eu fui criada.

Aí você começa, e foi para mim a grande mudança na minha vida, e foi proporcionado por incrível que pareça, por essas pequenas buscas dentro do âmbito do colégio, porque é o externo, onde você vai, claro que você segue parâmetros também da sua família, meu pai, como buscador, fundou o Vale do Amanhecer, a Tia Neiva e tudo mais, eu fui para lá, fui ser médium, fui aprender, fazer as coisas lá, mas continuei buscando, a verdadeira busca, você não encontra, esse é o copo perfeito, acabou, não, aqui você vai encontrar sempre o quase perfeito, aí você vai para mais conhecimento, vai buscando mais conhecimento. Enfim, essas vindas e vindas, meu irmão ficar longe foi muito triste, o falecimento do meu irmão Abaeté também foi um desastre, formado em medicina, com todo o conhecimento que ele tinha, com toda coisa, e aí, quando a volta do Iraê para Brasília significou uma coisa muito luminosa, porque ele, por onde ele passou, ele fez boas ações, no sentido de ajudar colegas de trabalho, ele se transformou num

tradutor juramentado para o italiano, e adquiriu um lotezinho lá no Lago Oeste, e ficou morando lá com a segunda esposa dele, então assim, o que acontece? A primeira esposa está viva, é uma pessoa que ama ele de paixão, no sentido de, como é que diz assim? Admirá-lo? De admirá-lo profundamente, pelo conhecimento, é uma pessoa ativista, e depois, se você nos seus vindas e vindas tiver a oportunidade de entrevistá-la, você poderá, se você quiser, complementar alguma coisa, mas ela, eu acho que ele conheceu ela em São Paulo, nessa época, ele se refugiou em São Paulo, mas ela tem mais conhecimento da carreira dele como ativista político, entendeu? Bom, aí, o que aconteceu? O Iberê, o irmão mais velho, nunca, nunca participou dessas, dessas, dessas manifestações políticas, não, por algumas razões, às vezes o primeiro filho mais, sobrecarregado, né? Com as forças malignas da família, e às vezes ele se torna uma cópia fiel da família, e às vezes ele se, sai a parte. Ele acabou indo fazer um curso de indigenista, passou para trabalhar na FUNAI, ficou trabalhando no meio do mato, ele se isolou, ele se isolou durante muitos anos, e depois ele foi para o Espírito Santo, e hoje em dia, ele não comunga da mesma ideia de esquerda que... Nossa, um indigenista? É, mas ele foi mudando, mudando, ele foi o único filho que fez coisa militar, serviço militar, e ele se formou em paraquedismo, então ele tinha um certo orgulho disso, mas houve traumas nos treinamentos, explodiu uma granada, matou não sei quantos amigos dele etc.

Então não foi tão uma coisa assim, tranquila, mas ele guardou um pouco dessa veia militar, entendeu? Então ele, de alguma maneira, ele acabou se bandeando, vamos assim dizer, para um centro direito assim. Cassi, e aí agora, já voltando mais para o Elefante Branco, né? Eu lembro de você ter falado que a escola tinha muitos alunos que eram filhos de servidores, de grandes servidores, né? E, lendo aqui assim, eu vi que, assim, apesar de ser um dos maiores polos de movimento estudantil aqui de Brasília naquela época, não eram todos os estudantes que eram engajados. Eu gostaria que você buscasse na sua memória o que você lembra dos estudantes, se eram muitos que engajavam no movimento, que você não necessariamente ser de um partido, mas assim como você, que você falou que, vamos fazer tal coisa, bora.

Porque você estava revoltado com aquela situação, né? Você tinha alguns incômodos, você via coisas erradas acontecendo, mesmo que seja assim, eu quero que meu curso seja de tarde, né?

Você via muitos alunos agindo e dentre esses alunos que agiam, tinham filhos desses servidores ou eles eram todos conservadores?

É importante eu explicar que não era uma vontade só minha, era uma percepção das

colegas do normal também, tá? Percepção essa que eu, talvez um pouco mais corajosa, assumisse em nome do coletivo, sabe aquele que leva o recado, né? Sim. Então, elas sentiam, mas elas não tinham essa mesma percepção de luta, né? O mundo está por isso, mas elas, claro que se sentiam mais isoladas, né? Com relação às pessoas que eu tive que defrontar depois que eu comecei a frequentar o Grêmio de tarde, realmente tinha filhos de político e deputado, de senador, etc. Mas eu não tinha essa curiosidade de saber quem era quem. Apenas eu sabia que tinha pessoas que não se engajavam de jeito nenhum e a gente chamava desses que ficam em cima do muro, né? Tinha até um nome que eu não estou me recordando agora, mas era esse pessoal que de jeito nenhum não participa de nada, né? E quando eu discutia, eu conversava com essas pessoas, procurava eu me engajar com essas pessoas da parte da tarde, é que eu recebia uns foros, porque eles tinham mais conhecimento político, né? Não quer dizer que eles fossem arrogantes ou qualquer coisa assim, era o próprio conhecimento de causa que eles tinham que faziam eles ficarem, aos meus olhos, mais arrogantes, entendeu? Inclusive eu posso depois passar para você pessoas que estudaram lá e que poderiam eventualmente dar o seu depoimento.

Nossa, tem um ex-estudante que estava nos relatórios como um dos líderes do movimento, que aí ele é o Hélio Doyle. Você conhece ele?

Conheço o Hélio Doyle.

Nossa, eu tentei entrar em contato com ele, assim, eu fui um pouco maluco com algumas pessoas, você foi bem fácil de comunicar, que eu mandei mensagem no Instagram, logo você me respondeu no WhatsApp, né? Mas aí o Hélio Doyle, talvez ele tenha sido um pouco psicopata, porque aí eu mandei mensagem no Instagram, ele não respondeu, mandei mensagem no Facebook, não respondeu, porque eu consegui encontrar muita gente pelo Facebook, né? No Facebook ele não me respondeu. Aí eu consegui achar o e-mail dele, aí eu mandei no e-mail também, não respondeu. Aí eu encontrei o lugar onde ele trabalha, nada. Aí, ué, tá, já deu, né? Eu acho que ele não quer falar sobre. Só que se tiver contato dele, eu ajudaria muito que você entra em contato.

Não, você vai fazer o seguinte, você vai pedir para o seu professor fazer uma mini apresentação sua, dizendo que falando de tal, é aluno da UnB, tá fazendo um TCC a respeito desse assunto assim e assim, e gostaria de entrar em contato com os integrantes desse grupo. E eu vou jogar esse anúncio no grupo Geração 68, que tá o Hélio Doyle, a Maninha, não sei o quê, as pessoas que... O Hélio Doyle foi preso com o meu irmão. Então, por isso tem esse...

Mas o Hélio Doyle é uma pessoa que eu mesma não saberia falar sobre ele, no seguinte sentido. Parece que ele ficou muito aterrorizado lá na prisão, Chorou, ficou muito apavorado. E ele é um cara magrinho, loiro, e assim, ele tem uma mania de juntar as mãos assim. E eu não sei por que cargas d'água, eu nunca confiei, não sei, sabe quando você não se expande com aquela pessoa. Eu não sei o quê que eu ouvi do Hélio, o quê que eu deixei de ouvir, mas ele se transformou num puta jornalista, ótimo, excelente. E recentemente ele foi demitido do que ele fazia. Do governo, é que ele era do governo Lula, se não me engano, ele era alguma coisa... Não sei qual foi a agência que ele estava trabalhando etc.

Então, essas pessoas meio que são... Como é que eu vou dizer assim? É porque se eu fosse uma pessoa mais estudada, mais politizada, eu poderia te dar um veredito sobre os tipos, vamos assim dizer, de pessoas que usam a política de formas diferentes. Então, no meu caso, tem gente que usa politicamente para se colocar como melhor no meio que ele trabalha, de comunicação, ou não sei o quê, ou politicamente mesmo para conseguir... Cada um direciona a sua verdade política para interesses pessoais, certo? No caso, eu como não tinha grandes vaidades sobre meu conhecimento político, eu voltei para o autoconhecimento. Meu irmão, como era uma pessoa mais pura, ele voltou para se informar cada vez mais, para ler cada vez mais, para conhecimento.

Ele seria capaz de te dar uma aula sobre tudo, sobre a Revolução Russa, sobre isso, sobre aquilo. Ele tinha muito conhecimento, entendeu? Então, assim, cada pessoa faz um caminho, e você vai ter que descobrir essas nuances conversando com essas pessoas. Como é que foi? Qual foi o seu interesse? Depois, o que aconteceu com a sua vida? É isso, a minha vida depois virou isso aí.

Não me tornei cineasta, me tornei só uma jornalista, e jornalista de meio período, porque com quatro filhos é meio impraticável você ficar numa redação, como ficava meu marido, que foi com jornalismo também, que ficava de manhã até de noite, até oito horas da noite, eu não podia, eu tinha sempre que arranjar. Então, foi que eu trabalhei em jornal infantil, que eu trabalhei em página social, página de culinária, sei lá o quê. Eu fui meio que variando, aí teve uma época de fazer tribunais superiores, teve uma época de fazer um pouquinho de economia, mas nunca pude me dedicar a ficar o dia inteiro lá na Câmara, ou no Senado, ou no Tribunal Federal, ou nisso, naquilo, esperando para ver qual foi o último parecer do ministro tal, do fulano de tal, entendeu? Eu não podia ficar na rua, vamos assim dizer, eu tinha que voltar para casa.

Então, o jornalismo sempre me serviu como uma forma de entrar, depois de um certo tempo, eu saí do jornal, já não estava dando mais, eu entrei no governo com assessora disso, assessora daquilo, aí passei o tempo todo trabalhando para o governo, ganhava um cargo de confiança, aí terminava aquela etapa, o ministro saía, mudava todo o conjunto de pessoas, aí eu ia para outro lugar, para outro lugar, para outro lugar, para outro lugar, aí eu trabalhei no Ministério do Trabalho, Ministério da Saúde, Ministério de Tudo, é quanta coisa. E com isso, sim, você vai adquirindo aí um conhecimento de como está funcionando o país em termos de governo, né? E por fim, os últimos empregos que eu arranjei foram relacionados ao Senado, que eu já tinha feito o concurso do Senado, mas eu não escolhi direito a opção, eu escolhi uma opção genérica, e aí a minha pontuação daria para ter passado nas outras, daria para ter passado para a Rádio e TV. Mas enfim, eu entrei para a TV Senado, para subir, porque não tinha muitos, estava faltando gente no quadro, terceirizada, cooperativada, fui várias coisas no Senado.

Fiz o Rádio da Senado, depois passei para a TV Senado, e eu já estava como diretora de programa, quando um político foi, desmanchou a estrutura toda, demitiu todos os terceirizados, e colocou, porque ele descobriu que tinha muitos jornalistas dentro do Senado que faziam outras coisas. Ele falou, não, esse pessoal agora vai ter que trabalhar na Rádio e na TV, vão tirar esses terceirizados. E aí eu fui cair na diretoria geral para fazer coisa burocrática.

Acabou que eu estava fazendo o boletim do Senado, que acabou que coincidia com a minha capacidade de revisora, e eu estava trabalhando lá, inventei de comprar uma casa, que eu não tinha nada, inventei de comprar essa casinha aqui no Jardim Mangueiral, e precisava do rendimento do trabalho. E depois de um certo tempo, eu fui ficando mais idosa, coisa e tal, mas o meu trabalho era tão bom quanto os dos outros parceiros lá no trabalho. Mas eles simplesmente um dia, acho que eles me viram passando aquela velhinha de cabelo branco, e falaram, bom, é só daí, não precisamos mais de você.

Foi isso, me chamaram, me avisaram, me avisaram que, olha, muito obrigada por tudo que você fez pelo Senado, mas não que eles souberam o que eu fiz pelo Senado ou não, é uma formalidade, é uma frase de efeito para dizer amanhã sai sua exoneração. E essa minha percepção política me faz ver que é isso, a própria estrutura cria, vamos dizer, assalariados que são, vamos dizer, escravos do sistema, porque eles saem de lá sem fundo de garantia, eles perdem imediatamente o plano de saúde, entendeu? Eles não rezam mais nada, eles tiram você do sistema, pá, já usou, já acabou, não preciso mais de você, tchau. Então, assim, a ideia de fazer assessoria, esses assessores, né, DAS, sei lá o que, seria pessoas que, com curso superior

e conhecimento, podiam assessorar o político quando não houvesse funcionário suficiente habilitado para isso.

Mas não, mas virou um negócio assim, de o cara que é, que é, como é que chama assim, cargo comissionado, ele simplesmente, ele pode estar ajudando um político específico, ali no gabinete, etc, etc, mas ele pode estar trabalhando em qualquer parte da instituição. Então ele pode estar trabalhando na biblioteca, na rádio, no TV, não sei onde, não sei onde, na área burocrática, na área administrativa, e ele, vamos assim dizer, perde aquilo que seria a condição de estar auxiliando o seu político. Porque ele entrou, até às vezes indicado por um político, mas depois ele foi parar lá, não sei onde.

Então, ele é um funcionário que faz o trabalho, que os outros, como é que chama, concursados, muitas vezes não fazem. Ou seja, os concursados podem ser os bambambãs, pode ser chefe, pode ser isso, pode ser aquilo, e esses associados aí, não, entendeu? Não tem progressão funcional, não tem, você só aumenta quando aumenta o salário mínimo, e assim vai. Então eu percebi que é a quantidade de pessoas nessa situação, pais de família e tudo mais, que tem muito conhecimento, porque tiveram que ralar muito para se adaptar, para conhecer todo o regimento interno, tudo mais, acabam se lascando.

Então, quer dizer, a imperfeição passou a ser uma coisa que eu vejo com mais facilidade depois do meu aprendizado político. Eu vejo o que não está correto, entendeu? Na briga entre a Rússia e a Ucrânia, que na verdade era da Rússia, e depois aí entra um monte de gente direita lá para dizer, não, vamos fazer para a Doutan, vamos fazer mais guerra, para deixar a Rússia mais subjugada. Essa guerra absurda de Israel com relação à Palestina, esse massacre, nem dá para se colocar o nome, que é isso. É uma visão mais clara de como andam as contradições humanas. Mas, como você tem um arcabouço espiritual, você diz o seguinte... É coisa dos humanos, isso. Essa contradição, essa desarmonia, né? Porque não existe essa desarmonia na natureza.

Não existe, existe só entre os humanos, né? As espécies que estão habitando o planeta... O animal, ele não mata por prazer, não. É alimentação e proteção, né? Estão aí, vamos dizer assim, de boa, né? Apesar de ter, claro, milhares de coisas surpreendentes, estranhas e esquisitas em todo o universo. Mas, o ser humano é bem, sabe? É bem responsável pelas mazelas que a gente vive, que todos nós vivemos. Quer dizer, nós somos responsáveis. Eu sou responsável. Você é responsável.

Cassi, aí tá. Vamos voltar aqui mais um pouquinho. Perdão. Vamos voltar para o lado certo. Tá. Eu sei que você já falou um pouco sobre, mas aí só para lembrar um pouco de o que você fazia lá no Grêmio Estudantil. Para que servia o Grêmio Estudantil?

Para atender alunos que chegavam, conversar com eles sobre os movimentos, dar informações sobre as coisas que estavam sendo discutidas. Inclusive, essas ações dentro da própria escola. Às vezes, olhava um abaixo assinado. Às vezes, ficava lá, só olhando o menino bonito que passava. Ou sendo paquerado por alguém, né? Então, era isso. Era uma coisa saudável.

E, naquela época, como você acompanhava as notícias? Eu sei que você falou que os jornais da escola tinham o A Tocha, o Elefrente. Vários jornais que vocês... Vocês do Grêmio que produziam esses jornais?

Olha, eu não tenho memória, mas alguém deve dar essa resposta para você. Se chegaram a produzir algum jornal ou não. É porque eu não lembro se era o Grêmio que produzia, mas eu tenho quase certeza que o Grêmio produzia. Eu tenho mais uma percepção de que eram as vertentes políticas, entendeu? Então, a frente operária, sei lá, fazia um jornalzinho, ou tinha um jornalzinho de não sei aonde. Se você pesquisar esses folhetinhos que existiam na época, esses informes dos acontecimentos nacionais vinham mais com essas alas organizadas da política. Mas, assim, tinha o Correios Brasiliense, que era um jornal local aqui de Brasília. Você tinha acesso a ele, e as notícias nacionais, quando chegava até você, você falou do estudante Edson Luiz, né? Como que chegavam as informações nacionais? Pela televisão, ele chegava pela televisão, chegava. O jornal, sim, em casa tinha assinatura de jornal.

Agora eu não lembro. Eu acho que dentro do âmbito do colégio, sempre uma pessoa trazia um ou outro jornal, ou uma outra notícia, ou colhia de algum noticiário alguma coisa e colocava dentro desses jornaizinhos, entendeu? Não vou dizer pra você que eu era a buscadora dos fatos, porque eu não era. Eu já absorvia tudo que tinha à minha volta. É, normal também, né? Nem sempre a gente é a pessoa... Talvez pra vocês, dessa geração agora, seja normal. Mas, assim, eu poderia sim. Você vai encontrar muita gente engajada. Que era engajada desde o começo, já tinha informação disso, daquilo, daquilo outro, entendeu? Eu sou a pessoa menos, assim, concreta dentro desse seu panorama de entrevistas, que eu sou uma pessoa que depois descobri que, na verdade, eu não teria nem como ter um registro histórico bom, eficiente. Não, não diga isso. É verdade. Eu sei que eu me construí com ele. E ainda pratico, mas não posso dizer que eu sou uma guerrilheira, que eu sou uma... Você entendeu? Uma ativista. Não, eu sou

uma pessoa mais consciente. Posso dizer isso. Ah, tá.

Tem muitos registros de infiltração de agentes do governo na escola, né? Era muito fácil identificar eles?

Não, e eu sempre era muito, muito despercebida. Ah, fulano passou ali, cuidado com aquele cara dedo duro. Mas assim, era como se eu, na minha cabeça, eu visse isso de costas. Uma pessoa se afastando, entendeu? Ou seja, já tinha gente lá dentro que conhecia, sabia quem era dedo duro, já tinha conversado, já tinha sido procurado para conversas, entendeu? Por essas pessoas, e estavam sempre alertando os demais com relação àquilo, entendeu? Eu falo muito que tinha principalmente à noite.

Eu não consegui encontrar tantos registros sobre...

No turno da noite, né? No turno da manhã, no turno da tarde, fala que tem mais. Da manhã você tinha só o curso normal, por isso que você não vai encontrar. Você não vai encontrar movimentação nenhuma. E o Grêmio era assim, vamos supor que aqui tivesse uma... Aqui uma sala de aula, aqui uma sala de aula. Então tinha um corredor grande, larguinho entre as duas alas, né? Aqui no meio é que foi construído um Grêmio, feito de placas, de divisório de escritório. Ele era bem aqui, então a pessoa que ia para lá ou ia para cá, ou que subia as escadas para ir naquele andar, porque era no segundo andar o clássico, o científico, né? Aí encontravam esse Grêmiozinho ali, entendeu? Como se fosse um quiosque, né?

Ah. Ah tá, isso aqui eu acho interessante falar, só porque eu gostaria de ver como que é... Eu não sei se você ficou sabendo disso, mas se eu te falar agora, como que é a visão de alguém que estava lá na escola, né? É porque em um dos diversos registros, isso aqui já foi na época de 70, né? Que um coronel chamado Murilo Rodrigues Souza, ele alegou que os estudantes estavam preparando uma luta armada dentro da escola. Você lembra de ter visto alguma coisa sobre? Não, né?

Não tinha.

E é interessante, porque hoje a direita fala muito isso, né? Que óbvio que tinha violência, por causa que vocês queriam violência também, vocês queriam luta armada, vocês queriam enfiar o comunismo à base da força, né? E aí você pesquisando, você vê que a gigante maioria dos partidos eram contra a luta armada. Era um ou outro que apoiava a luta armada, né? Eu tenho aqui anotada, mas agora não sei.

Geralmente eu acho que essas pessoas que lutavam no campo, que eram mais subjugadas por essa força mesmo do fazendeiro que mata mesmo e que faz, acontece. A polícia também é truculenta e sempre a favor dos poderosos, né? Esse coronelismo que existe inflicto no Brasil. Então, assim, eu acho que se houve nascentes, né? Talvez até nas forças militares mesmo, porque o militar vai para todo canto, o militar vai para todo lado e ele vê os massacres, ele participa dos massacres. Então, assim, acho que essas lideranças que transformaram, vamos dizer, pequenos núcleos armados, eles tinham não só conhecimento de causa da situação no meio agrário, que a pessoa desaparece pronto, né? Como percepção de que eles também eram partícipes de certa forma de ajudar esse tipo de maldade, né? Então, dentro do meio estudantil, a gente era influenciado por... Combendi, agora me lembrei desse nome, que era um ativista da Europa, Daniel Combendi. Ideias mais progressistas realmente, entendeu? Não tinha essa coisa de... Eu nunca pensei na minha vida em sequer aprender a atirar, ou comprar uma arma, ou ter uma arma. Não existia essa índole, né? A índole era a força do nosso coração, nossos braços dados, né?

A gente tinha esse negócio de sair de braço dado, assim. É que vai, vamos assim dizer, mudar o país, né? E... E é isso. Não lembro de nenhuma... Pode ser também que tenha sido na época que a gente foi expulso, e que houve qualquer coisa assim, não sei. Não, era referente justamente a esse período aqui. Porque se foi no 70, 70 já... Exatamente, culminou a expulsão, com fazer esse curso de um ano, que foi em 69, e em 69 já tinha feito o vestibular, já tinha entrado. Em 1970, para a UnB. Então já estava um pouco a foga fora desse circuito, né? Mas é muito interessante, essa sua fala aí dos braços dados, e aí relembrando aquilo que você tinha falado do... De como a religião te transformou, como a sua família te transformou, assim, em uma pessoa mais humana, né? Então como que você vai pensar em matar alguém se você tem esse tipo de pensamento? De onde parte a sua consciência, né? Então vamos assim dizer, no campo a situação é a mais dura. Quem vive de trabalhar no campo, na roça, é impiedoso. Você... Nem sei como... É difícil até nascer uma consciência, porque a pessoa não tem estudo, não tem nenhum parâmetro para comparar, ela acha que talvez a vida seja daquele jeito, quer dizer... Estou falando das pessoas que ficaram segregadas do conhecimento, né? Então... Tanto que tem muita frase assim... Ah, a vida é assim mesmo, minha filha. Às vezes você conversa com uma pessoa que trabalhou na sua casa, a vida é assim, é uma espécie de conformismo, né? Talvez falta de conhecimento para ele dizer, não, assim não, peraí. É errado isso aqui, né? Hoje você vê que as ações de denúncia de escravo... trabalho escravo, elas vêm de alguém que... mais espertinho, que denuncia que determinado... mas raramente parte daquele núcleo que está sendo

escravizado. A não ser que um cara fuja, não sei se ele vai lá no Ministério do Trabalho denunciar, não sei como é que funciona, né? Talvez agora que a comunicação já está mais estendida, né?

Você lembra quando eu te falei lá que... quando eu estava tentando lembrar o nome do diretor que te ajudou, só que aí eu falei daquele diretor que era um pouco mais radical, o César, que aí teve a reunião. Você estava presente nessa reunião com o diretor, que ele ficou alterado e saiu quebrando tudo?

Não, não estava,

Mas você lembra de terem falado sobre isso?

Não, lembro do desmonte do grêmio.

Como que foi?

Não, só simplesmente foram lá e tiraram as cadeiras, as mesas que compunham. Mas não chegou a... Ah, tá, porque também expulsaram vocês, né? Então como é que vocês iam continuar? Vai ter que encontrar outros que vão contar muito mais detalhes. Quem não foi expulso, né? Pra poder dizer como que foi o pós... após isso, né? Não, como foi tudo, de um modo geral. Inclusive a visão que as pessoas tinham do grêmio, você vai ter que reperguntar isso mil vezes, né? Claro. É...

Deixa eu ver aqui... Ah, tá, é que aí do documento que consta lá a expulsão de vocês aí você aí já falou que você falou, né? Quando foi expulso aí, esse diretor... Eu digo pra você, assim que eu chegar em casa eu vou procurar loucamente esse diretor pra te mandar. Deve ter sido exatamente o diretor antes do César.

É porque... Cara, ele tirou do bolso dele. Era caro pra caramba. A gente não teria dinheiro pra pagar o cursinho. Era uma coisa de elite. Poder fazer um cursinho particular, entendeu? E... E ele pagou o ano inteiro. Até a gente, vamos dizer assim, até formar no terceiro, né? No terceiro ano. Eu não sei porque cargas d'Água o Iraê tava atrasado um ano. Mas ele foi também junto comigo. E foi o que nos... Sabe? Catapultou pro resto...

Mas vocês eram próximos dele? Ou ele só admirava assim de longe?

Não, ele simplesmente chamou. Eu tô com a ficha de vocês aqui. Me foi pedido que vocês fossem expulsos do colégio. Mas eu tenho as notas de vocês. Sempre existe umas

observações que os professores passam, etc. Ele deve ter se reunido pra saber. Vocês são pessoas que nunca transgrediram nada aqui dentro. São inteligentes, é... Cordatos, educados, etc. E tem boas notas. Eu não concordo. Foi um salvador. E a visão dele é... Talvez isso tenha motivado eles tirarem ele. E botar desse cérebro.

Mas você lembra se na época ele ainda estava no colégio?

Hã?

Você lembra se ele ainda estava no colégio? Quando ele chamou vocês? Ele chamou na escola? Ele chamou no colégio, na sala da diretoria.

Ah, tá. Ele estava na escola. Eu acho que em determinada época da minha vida eu consegui esse nome desse professor. Mas depois eu perdi. Porque, vai, você muda pra cá, muda pra lá. Então, assim... Mas de qualquer forma, eu acredito que ele não esteja vivo, né? Mas que os filhos dele fiquem sabendo que qualquer coisa pra mim é lucro. Que é uma pessoa, assim, realmente que salvou dois adolescentes que estavam ali numa situação bem complicada.

Tá, assim que eu chegar em casa eu vou procurar isso, encontrando, confirmando o nome dele, eu vou atrás dos filhos dele, de alguém da família dele que não é tão difícil de encontrar.

A outra coisa é você conseguir que o seu professor orientador faça uma apresentação minúscula sobre você. Fulano de tal está procurando como é que chama? Pessoas que tenham sido alunas do Elefante Branco pra dar depoimento para um TCC. Bota uma coisa bem tranquila pra ver se desespanta os olhos da vida. Aí eu posso publicar isso aí no grupo e eu depois eu coloco que eu já dei o meu depoimento. Entendeu?

Moço, é que eu não sou um agente do governo querendo denunciar vocês.

Eu fiz café, mas eu não sei se você toma café. Você toma café?

Não, muito obrigado, mas eu ainda tenho uma pergunta pra você, porque eu sei que você falou que o seu irmão ele fazia uns desenhos, né? Na época da escola ele já fazia também esse tipo de desenho assim com a cartazes. Elefante Branco?

Pode ser que ele tenha começado lá, pode ser.

É porque eu tenho informação de que havia um grupo de trabalho, eles deram esse nome, mas eu achei um pouco estranho esse grupo de trabalho, que era o que? Era sabido que tinha

muita investigação em cima de todas as pessoas, alunos e professores ali da escola, né? Então tinha que fazer tudo de uma forma muito discreta. E qualquer ação era facilmente reprimida. Então o que que faziam? Eles eram dito esses grupos de trabalho, reunia assim algumas pessoas de forma clandestina pra se organizar. Tipo assim, você vai ser a pessoa que vai entregar o panfleto. Você vai fazer pichação. Você vai fazer tal coisa. Então grupos pequenos de 4, 5 pessoas pra fazer uma ação pontual. Você tem conhecimento disso?

Eu acho que essa informação tá correta. Eu não me lembro assim você faz parte do grupo de trabalho de tal coisa eu particularmente, mas era feito através de grupos de trabalho sim, porque tinha que imprimir tinha que comprar o álcool tinha que fazer não sei o que. Com certeza.

Nossa, as coisas que mais me interessaram, mais chamaram a atenção quando eu comecei a pensar sobre isso foi o território livre, porque eu achei um ato de muita coragem você desarmado enfrentar a polícia, sabe?

É um ato de coragem. É porque a gente talvez não visse talvez é isso que eu tava falando pra você, a gente não visse essa força de polícia etc. Foi hoje mesmo que eu escutei um negócio você não vê o mal a não ser que você seja atingido por ele então assim, é como se você se a sua família não foi atingida, você vai é meio encoberto pra nossa percepção entendeu? Quer dizer, quando começaram a surgir pessoas estranhas andando por lá pessoas que vinham com papos estranhos, até pessoas que chegam com uma conversa diferente você vê que a pessoa é mais velha entendeu? Não reconhece ele como um estudante igual a você seja pela postura, pela roupa pelo óculos, sei lá, entendeu? Então quando você começa a ser ameaçado aos poucos, você começa a tomar uma consciência de que existe alguma coisa contra aquilo que você tá fazendo mas só aqueles que foram presos por exemplo, como na NB botaram tudo enfileirado de mão na cabeça e botaram dentro de uma quadra de esporte pequenininha e tá ali os caras de metralhador então, quando você se confronta com uma coisa mais objetiva mais concreta, você então mas assim no meu grupo familiar, pelo menos a gente nunca tinha visto violência pra lado nenhum nossas memórias eram memórias novas, Brasília, a gente chegando novinho aqui, então assim, não tínhamos essa ideia não tínhamos morado em lugares violentos que tem tiroteio, que tem isso então você vai ter o primeiro contato com essa violência a partir do momento que prende o seu irmão, que realmente tem umas pessoas estranhas andando embaixo do seu prédio, entendeu? E você pode, a qualquer batiam na porta da casa da gente também, e aí perguntavam qualquer coisa maluca, entendeu? Só pra ver o que tava acontecendo ali naquele momento? É,

parecia assim ah, você sabe dizer onde que o apartamento tal, tal, tal, sei lá coisas assim, né? E você vê que são essas figuras, né? patéticas.

É, não, tem um registro assim, que chamou muita atenção, era que no texto tá dito como o inocente útil o que que acontece? Era um professor, só que ele é de uma época anterior à sua né, mas vai que você sabe da história, né? Também, é um professor que ele era tido como um cara super tranquilo lá na escola sabe, não se envolvia pra nenhum dos lados, mas ele fez uma poesia em um dos jornais estudantis que tinha lá e aí a polícia, peraí você de alguma forma interagiu com aluno? Com aluno contrário? Aí começou a investigar esse professor e aí viu que em algum momento ele esteve em uma fazenda onde alguém ligado a um professor comunista esteve, aí pronto, prendeu o cara.

Então assim... O inocente útil, na verdade, era utilizado pra aquela pessoa que você vê que tá entrando numa onda, eu poderia ser chamada de inocente útil se eu tivesse descoberto minhas anomalias mas tô brincando, eu era sempre uma pessoa muito inteligente, sempre consegui me virar bem mas assim, a própria direita tentava convencer as pessoas que estavam se conscientizando de que eles seriam inocentes úteis na mão dos comunistas, entendeu? Então assim, não pode se perder esse negócio aí, não que vocês vão se dar mal, você, entendeu? O inocente útil existe essa figura, mas assim, como se fosse uma pessoa que vai ser engabelada entendeu? Com interesses malvados da parte do comunista etc.

Aliás, nunca rolou essa história de comunismo na verdade acho que no Brasil nunca teve comunismo de fato então assim, é um negócio tão ridículo, mas assim, aquela história do comunista come criancinha é uma antipropaganda, né? É tão maluca quanto essa antipropaganda que foi feita contra os orientais, de um modo geral os amarelos, né? E hoje em dia os coreanos conseguindo driblar usando o próprio sistema capitalista e botando os caras bem bonitinhos pra todo mundo achar lindo o oriental, né? Então você vê que a história dá voltas, né? Eu sou revoltado que minha namorada é apaixonada no set do BTS aí eu falo, tenho sete rivais na minha vida Olha, fala pra ela que é o seguinte olha, o sistema capitalista se aproveita de tudo os coreanos foram massacrados pelos japoneses, pelos chineses pelos não sei quem todo mundo que entrou lá, entrou pra esculhambar com a vida deles e depois no fim da história ainda tiveram uma guerra civil, ainda botaram metade contra metade ainda ficaram metade Estados Unidos e metade Rússia isso é um absurdo, eles arrasaram com o país arrasaram culturalmente, arrasaram de todo jeito então como eles têm uma tradição de trabalho trabalhar muito trabalhar muito, eles começaram a tentar reerguer o país através dos esforços próprios

pra qualquer coisa vamos fabricar copo? Então é copo e usando o sistema capitalista então, só que usando o sistema capitalista, a oriental que é, em vez de seis horas sete horas de trabalho, oito horas doze horas de trabalho não sei o que, porque já era uma coisa deles, um patamar de orgulho eles serem proficientes pra o desenvolvimento do país, vamos dizer hierarquia também, eles conservaram aquela coisa hierarquia que faz criança se se suicidar por causa de medo de nota que vai tirar, etc, etc nos países asiáticos no geral mas a Coreia então foi aos poucos se reestruturando e quando eles descobriram essa vertente, essa possibilidade musical aparentemente inocente que você vai pegar os grupos de BTS você vê que eles, é um sacrifício humano pega uma criança com dez anos já começa a treinar, treinar, treinar e que na verdade quem assiste o Dorama vê assim, como uma curiosidade a princípio parece uma historinha super legal por quê? Porque o machismo continua vigorando fortemente de um modo geral no mundo inteiro inclusive na Coreia mas ali parece que existe o homem maravilhoso, que é o homem bonzinho, carinhoso se apaixonou, chega devagar que não vai pegando logo no peito da mulher entendeu? E leva um ano pra dar um beijinho, então talvez esse aproche mais delicado esteja no desejo oculto de todas as mulheres, de ter uma pessoa confiável, amorosa delicada e aí colou muito bem porque no Brasil, América Latina toda, é muito mais a sexualidade é muito mais descarada, vamos dizer assim, não é descarada mas é muito mais direta objetiva, não sei talvez até tem um país que é mais ainda, como a África, não sei mas colou no Brasil colou, no México colou, em muitos lugares então colou essa essa performance amorosa, bonitinha, mas você vai contar quantos artistas repetem as novelinhas, você vê que é uma minoria assim, não deve ser um por cento nem por cento dos coreanos que tem aquele perfil de altura e de beleza física, mas a história das novelas coreanas me ajudou também porque eu percebi muita coisa eu fui me aprofundar, fui saber a história das comidas, fui saber a história da implicância que eles têm com os japoneses, aí eu descobri que os japoneses suicidaram os pobrezinhos, e aí fui descobrir que tal coisa assim, assim, então aí fui pegar a história mesmo, entendeu? E quando você pega a história e pega a história atual tem bilhões de Instagrams, não sei o que, de dorameiras que ficam só mostrando os artistazinhos bonitinhos, mas já tem gente que mostra a história verdadeira da Coreia, a tristeza as dificuldades, o índice de suicídio inclusive de gente no trabalho entenderam? Doença morte por trabalho excesso de trabalho, então assim quando você conhece a realidade e a realidade lá, de chegar lá e encontrar só coreano baixinho e feio e de não poder entrar numa boate porque eles têm preconceito com idade, você com a sua idade já tá meio velho.

Sério?

Em estrangeiro então, ah, ah, eles estão xenofóbicos.

Meu Deus!

Entendeu? Então nada disso que é passado pra gente, eles são tradicionalistas, eles são caretas pra caramba, claro que tem sempre uma galera mais evoluída, mais avançada que namora e transa, mas assim, se uma brasileira se casar com um coreano agora vai ter que virar outra pessoa, porque eles não aceitam, não aceitam gente de fora. Eles têm trauma de gente de fora e não aceitam eles não se misturam vamos assim dizer, entendeu? Então o catolicismo tá dando uma outra pegada pra eles coisa e tal, mas vai demorar. O efeito do cristianismo no mundo é que ele abre uma perspectiva de encontrar no outro um irmão então abre uma perspectiva mais amistosa, vamos assim dizer não tão violenta, não tão seca. Ah, pode morrer que não tem problema, sabe? Não, tá morrendo um ser humano, ser tem uma natureza mais profunda e dentro do cristianismo você aprende a respeitar o ser do outro e também tem algumas religiões até islâmicas, não sei o que fazem homenagem ao ser que mora dentro de você, né?

O islamismo mesmo, eles estão no período do ramadã agora. Eu fui buscar mais sobre isso, eu fiquei encantado o que que é? Você não pode ingerir alimento nenhum nem líquido nenhum enquanto o sol tá a pino, assim, né? O sol raiou, até o sol se pôr você não pode comer nem beber nada, que é pra eles sentirem na pele a fome e a dor que é você ter fome e sede pra você ter mais empatia com o outro.

Então, aí o que que acontece? Eu gosto muito de esporte, né? Futebol, aí tá tendo os jogos da Champions League, né? Os jogos mais espalados. E aí ontem mesmo teve um jogo lá que teve que parar o jogo pra, pros atletas.

Pra fazerem a reverência?

Não, pra eles comerem por causa que eles passaram o dia todo sem comer nada, aí assim que o sol se foi aí eles puderam comer.

## 10.2 TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA CLÁUDIO FONTELES

Bom, quer começar já?

Sim, mas pode continuar a conversar.

Então, o nome Elefante Branco vem disso. É uma construção muito grande, era praticamente latitudinal, assim, com a área autônoma até hoje, e era pintado de branco. Então, daí, elefante, algo grande, elefante branco. E a obra que não terminava, né? É, mas a gente pegava, chegou a pegar, a sala já era tanto bem, dá para funcionar bem. Eram mais detalhes aí.

E uma coisa interessante do Elefante Branco, que eu acho que foi um certo diferencial dele, foi a política educacional da Anísio Teixeira, né? E a ideia era ser uma escola universidade. Você lembra como funcionava? Você chegava, assim, na escola numa segunda-feira, você tinha aula de quê?

Então, veja bem, no período matutino, nós tínhamos aulas com as disciplinas normais, história, geografia, português. Tínhamos, então, tranquilamente as aulas normais no período matutino. Agora, à tarde, o que acontecia? À tarde, você tinha o que chamava de clubes, entende? Então, você podia escolher uma atividade complementar, mas não no sentido de estudar disciplinas, entende? Mas, por exemplo, poderia, línguas, peças em francês, em inglês, poder fazer teatro, poderia fazer alguma coisa em termos de criatividade, no sentido de fazer um jornalzinho, uma coisa assim, entendeu? Então, eram clubes para desenvolver atividades, vamos chamar, extracurriculares. A gente fazia à tarde, o que era ótimo, esses clubes, era uma coisa muito boa.

Você chegou a fazer algum?

Aí entrou na política, tá? Então, não exatamente dentro do clube, mas a partir dessa ideia, nós realmente fizemos um jornal. É pena que eu não guardei.

Eu tenho alguns nomes de jornal aqui. Lá?

Veja se tem um nome chamado Reforma.

Deixa eu ver. Ó, eu tenho A Tocha, Eu em Frente, Boletim Informativo G100. Nenhum desses?

Nenhum deles.

O toach do computador, todo bugado.

Não tem nada não.

Era o Reforma. A gente ia para a Taguatinga. Era um jornalzinho bem feitinho, sabe?

Aí pegávamos de volta o último ônibus. Era um grupo de estudantes. Porque, no Elefante, eu entrei na Política Estudantil. É, em 1961. Foi, sim. Quarto Ginazial. Chamava-se Grêmio, Grêmio Estudantil. Então, nós tínhamos esse Grêmio Estudantil, com a visão de esquerda, mesmo, e tal. Com acesso de todos ao ensino. Nossa perspectiva ali era isso. Todos pudessem ter uma educacionalidade boa. O ensino fosse colocado para todos. Então, a gente também, a gente tinha uma professora excelente, tanto de filosofia, duas professoras. A professora Neita Ramos, ela da Geografia. E a gente aí estudava, na década de 60, o Movimento Libertário na África, as colônias europeias, buscando a sua autonomia, o Congo. E aí, também, esse sentido de criar um Brasil brasileiro. Uma cultura brasileira, a música brasileira, enfim. O Brasil definindo o seu próprio destino. E não preso ao imperialismo americano. Essa era a nossa ótica.

A professora Neita Ramos, esposa de um deputado gaúcho do PTB, chamado Rui Ramos. Então, ela nos estimulava muito a isso, a leitura, quebrar o subdesenvolvimento. E, também, a professora Maria do Socorro Remerenciano, que era professora de filosofia, mas, também, com essa abertura, a gente discutia muito, a gente lia muito. Eu já tinha lido, já no segundo ano, Platão, A República do Platão. Então, naquela época, o ensino era muito voltado para a leitura, fortemente. A gente lia muito, muito, muito, muito. Você viu um garoto de 16 anos lendo Platão? A República do Platão. E, fora, outras coisas também. Então, era um momento muito bonito ali.

E nós éramos muito questionadores. Eu me lembro que a gente fazia até um boletim dos professores. E, semanalmente, a gente dava nota para os professores. Mas explicava por quê. Nota 8, por isso, por isso, por isso, por isso. Nota 6, por isso, por isso, por isso, por isso. A gente era muito questionador, muito juízo crítico. Era muito, muito. Minha geração, ali, desenvolveu fortemente o juízo crítico. E é pelas nossas mãos que um grande líder estudantil entra na política estudantil. Até então, não era. Eu era do Quarto ginazial D. D letras que tínhamos, né? Eram cinco quartinaziais no Elefante, estudando. Quarto ginazial A, B, C, D, E. E, no E, estudava um grande líder nosso, Honestino Monteiro Guimarães. E eu que levo ele para ele. Ele era um tímido, uma pessoa tímida e tal. Mas muito empolgado, muito idealista também. Sabe? Então, é pelas minhas mãos que a gente entra na política. Estudantil, não era de partido nenhum, não. A gente não estava vinculado a nenhum partido. A gente estava, assim, querendo criar isso. Não tinha uma visão política partidária. Tinha isso. Essa linha de o Brasil aberto para todos, não a miséria, acesso a todos à educação. Enfim, o Brasil seguindo seus próprios passos. Nunca caudatário do imperialismo.

Muito interessante, por causa que vocês inconformados, assim, não é que inconformados com a situação, mas vendo uma necessidade de agir, de desenvolver os pensamentos. Vocês estudavam, vocês liam muito, mas vocês não guardavam aquilo para sempre.

Não, não. Não era intimista, nem abstrato. Eles produziam. Produziam. A partir dali, a gente se põe. Olha, nós questionamos fortemente o então secretário de educação. Não me lembro mais o nome dele. Não me lembro mais o nome dele. Não sei. Secretário de Educação da época. E eu me lembro que nós fizemos esse jornal. Aí a direção fechou o Elefante, não nos deixou entrar para distribuir para os colegas. Aí o que a gente fez? Na entrada do Elefante, nós botamos umas cadeiras, e aí distribuimos para os colegas. Pujol, eu acho.

Luiz Carlos Pujol.

Era? Pujol. Nós questionamos esse cara. Exatamente, porque ele, aparentemente, era muito contrário às ações da escola. Era um político já voltado para a linha militar. Exatamente. Eu me lembro disso. E o Reforma era o nosso jornal, propondo a Reforma.

Nossa, isso é fantástico.

Pena que eu realmente não segurei esse exemplar. E tinha um colega, também me esqueci o nome dele, era português até. Ele fazia, mas ele não tinha... O Reforma era preocupação política. Era fortemente político. Mas eu me esqueci agora o nome dele. Ele era do científico, nós éramos do clássico. E ele tinha uma revistinha, o Reforma de Singela, mas essa era mais literatura. A gente escrevia poemas e tal.

Isso vai ser muito interessante, porque, até agora, você conseguia entrar em contato com duas pessoas. Você, que era dessa geração de 61 a 64, e a Cassi, que ela é de uma geração de 65 a 68. Então ela vem depois. Então o que está sendo muito interessante é porque tudo do que ela veio falando, você está mostrando o início. Porque você pegou a escola muito no começo.

Exato. Nós fomos a primeira turma do quarto ginásio. Nós saímos, fizemos o terceiro ginásio no Caseb. E aí o Caseb precisou de salas, porque tinha chegado a garotada, primeiro, segundo, enfim. E essas cinco turmas foram para o Elefante. Porque não tinha ainda... O científico estava começando lá.

O que é científico? Eu até agora não entendi.

Não entendeu? É simplíssimo. Eram os dois, vamos dizer assim, no Elefante, dois

grandes mundos. Tinha mais outros dois, mas menos. O científico era quando você optava terminar do ginásio, por seguir as áreas de exatas. Então a ênfase forte era em matemática, física, química, biologia. E o clássico era quando você era para a área de humanas. História, português, geografia, filosofia. Está entendendo? Eu nunca estudei física na minha vida. Eu nunca estudei química na minha vida. E a biologia foi só no quarto ginásio. Então os três anos do clássico eram todos na área de humanas. Sabe? Assim como no científico eles iam para as exatas.

E como você conseguiu isso?

Ah, porque eu sempre fui... A minha vocação foi uma vocação humanista. Eu nunca fui... Nunca tive uma vocação, vamos dizer assim, científica. Eu tinha uma enorme dificuldade com matemática. Mas eu adorava história, por exemplo, filosofia. É uma visão mais humanista. Isso aqui já não vai para o que eu vou...

Eu fiquei muito curioso de você. Você veio de onde? De onde você nasceu para vir para Brasília?

Rio de Janeiro. Meu pai foi transferido. Meu pai era procurador da República. Depois me tornei isso também. Ele veio para cá, transferido. Aí a gente veio.

Isso é muito interessante, porque uma das coisas que eu estou tentando investigar não é a quantidade exata, mas o quanto os alunos da escola se envolviam na política, que eram desenvolvidos ali. E o Centro de Ensino Médio Elefante Branco tinha muitos filhos de procuradores, de empregadores, de pessoas envolvidas na política, de pessoas grandes da política, vamos dizer assim. Então você era um deles.

Era. Meu pai era procurador. Eu era um deles, sim. Depois da UnB que eu entro. Aí sim, eu entro numa facção política. Eu entrei na Ação Popular, que era... O fruto da juventude universitária é católica. Mas aí é a UnB. Mas ali, mas nesse início nós éramos, sabe, poetas. Vou dizer o seguinte. O meu destino simboliza muito isso também. Enfim, esses jovens ali todos com 16 anos, 17 anos, nós éramos poetas. Enfim. É uma visão bonita isso aí.

Então eu lembro de você ter falado do Grêmio Estudante. E como você chegou no início da escola, você sabe me dizer como foi formado o Grêmio Estudante?

Formamos nós. Na hora lá. Você olhava assim, ah, você... Vamos fazer. E o primeiro presidente nosso a ter eu acho que chamava assim... Depois foi deputado federal. Foi filho de

um político também, como você falava há pouco. Gervásio Maia. Como procurador. Quando eu estava como procurador geral, o Gervásio Maia tem um encontro comigo. A gente conversa. Muitos anos depois. Me disseram, não sei, confirmar que o Gervásio teria falecido. Não sei. Mas a gente colocou ele como presidente. Eu me lembro. Ele era do quarto ginásio. Quem atuava era um gozado. Éramos nós do quarto ginásio, das cinco turmas ali.

Eu estou tentando achar se eu tenho aqui o reforma.

Não, você não vai ter.

Talvez tenha no acervo do Elefante Branco. Eu ainda vou para lá.

Acho que não é isso. Era bonitinho o jornal. Era um jornal. O formato de jornal. Acho que era Nelson, esse português. O do Nelson não era. Era uma revistinha pequena. Mais baixa para literatura. O nosso era um jornal. A gente ia lá para Taguatinga, uma tipografia. Isso aí é um jornalzinho. Um jornal assim, legalzinho.

Mas você lembra um pouco do conteúdo do jornal?

Todo político. Eu te disse. Não está por reformas de base.

Nesse período estava João Goulart no governo.

Mas acontece o seguinte. Veja bem. Aí vem o golpe. E eu estou no terceiro ano. Então, aconteceu o seguinte. Vamos só ver. Quatro colegas antes de mim, do segundo ano, e eu. Eles queriam nos expulsar, mas depois houve um acordo. No meu caso, eles eram do segundo e eu para o terceiro. Mas nós fomos proibidos de entrar na escola. Então, não me recordo mais se era de maio ou de junho. Com certeza, no final do primeiro semestre do golpe, em 1964, exatamente, nós ficamos proibidos de entrar na escola. Eles também puderam fazer provas. E eu também para poder ir para o UnB. Eles iam para o terceiro ano. Vou te dar o nome o Ruizinho. Ruizinho. Rui. Meu Deus, o sobrenome. Ele é advogado no Rio de Janeiro. Foi da OAB do Rio. O pai dele era acho que o ministro do Tribunal Federal de Recursos.

Seria Rui Aguiar Dias?

Não sei. Veja-se. Rui. Ruizinho. Não é o Ruizinho? Os outros dois. E o outro está aqui em Brasília. Osvaldo Rochamelo Filho. Eles eram... O nosso grupo ali. Eles também foram proibidos. Eu fui afastado e eles também. A diferença é que eu estava no terceiro ano e eles no segundo. Então nós só fomos aparecer no colégio para fazer as provas finais. O meu caso para

me habilitar ao vestibular e eles para ir para o terceiro ano.

E é interessante por causa que isso foi em 64. E quando há o golpe eles tentam dizer que é um pouco discreto. Não é algo assim tão escancarado que é uma ditadura assim. A princípio eles entram para tomar o poder e falam que vão promover novas eleições. Eles não queriam deixar algo escancarado. Nós estamos reprimindo os alunos. Nós não queremos que esse pensamento seja propagado. Eles fizeram com você algo um pouco mais leve do que aconteceu com a Cassi. Que eu estava conversando lá com ela. Foi interessante. Ela é em 68.

Sim. Outra geração.

Outra geração. Estava tendo uma ocupação na escola agrária lá em Planaltina. E aí eles estavam revoltados com essa situação. Já tinha um Grêmio mais desenvolvido com eleição e tudo mais. Já tinha uma estrutura. Já estava estudando. Você estava ali no começo. É isso aí. E aí quando o secretário da educação da época já não sei se era o Pujol. Talvez tenha sido outro. Mandou trocar o diretor da escola porque o diretor era esquerdista. Ah é. Os alunos revoltaram e fizeram invadiram o Elefante Branco e tomaram o Elefante Branco e decretaram como território livre. E foi muito interessante que depois disso o diretor expulsou os líderes do Grêmio e ela foi expulsada. E ela falou que se não fosse o ex-diretor ela não conseguiria ter entrado na UnB porque ele tirou do próprio bolso e pagou um cursinho para terminar a escola e poder entrar na UnB.

Legal. Esse é outro momento. Em 1908 eu já estou na UnB. Eu falo lá. Faço discurso. Os dois candangos que eram o auditório famoso que tinha. Mas aí é outro momento. Eu já não estava mais. O Elefante realmente eu entrei na UnB em 1965. Fico lá de 1965 a 1969. Cinco anos da faculdade de Direito.

Enquanto você estava na UnB você manteve contato com o Honestino?

Não, porque aí o meu grande contato foi ali no Elefante Branco. Na UnB já não porque depois ele vai para o Rio também e a gente perde o contato. Tem uma que ela fez só que ela filmou uma espécie de documentário Maria Célia mais velha que a gente. Lembro que fui na casa dela eu dei um depoimento e outros colegas deram também depoimento ela Maria Célia Maria Célia é sob o nome Almeida eu acho. Dá uma checada ver. Morava aqui em Brasília, morava no 206 Sul. Ela fez, eu me lembro. Eu sei porque estou vendo a cena eu na casa dela e eu falando como estou falando para você. E eu acho que ela fez, sim. Ela fez um documentáriozinho. Não ouvi. Mas que ela foi avante, não sei. Mas Maria Célia fez.

Mas agora eu quero ir para voltar aqui para um período que você estava na escola e assim você falou que não ficou sabendo da CPI. Então eu vou te contar um pouco do que aconteceu nessa CPI. Você conhecia o professor Fábio Bruno?

Claro, sim. Ele foi presidente da Fundação Educacional. O Fábio Bruno é professor de História. O meu professor falei isso há muitos anos uma figura maravilhosa que se chamava Pedro Luiz Maria Masi. Sabe? Figura maravilhosa. Ele era casado com a professora Marlene Masi. Agora eu fiquei em dúvida se a professora Marlene dava Latim, não sei. Pedro Luiz Maria Masi, até o nome dele todo eu adorava ele, sou de História. E Fábio Bruno não foi meu professor, mas ele foi quando vem a redemocratização.

O secretário de Educação era Pompeu de Sousa. Um jornalista aqui de Brasília. E Fábio Bruno vai ser o presidente da Fundação Educacional. Isso é importante. Pompeu já é falecido. Fábio acho que também já faleceu. Não fui atrás, mas é provável.

Não, certamente. Mas aí, então o Fábio Bruno era o... Ele era um dos líderes da Associação de Professores também. Sindicato, eu acho. Algo assim. Ele funcionava como sindicato. Porque quando foi fundar... Quando teve a fundação do Elefante Branco, o concurso para os professores, eles estavam no edital dizendo que os professores que viessem pra cá iriam ganhar casa e alguns vários benefícios. Mas eles não entregaram as casas pra eles. Então eles ficaram... Eles alugavam uma casa, vários professores moravam juntos. Na W3. Era uma situação assim, muito galpão.

Tinha um professor muito legal também, mais jovem, o Macdowell Leite de Castro. A última história dele estava em Minas. Tinha o Gilberto Chauvet, de inglês. Tinha a professora Branca Bosch-Bacaglia. Até os nomes eu guardo. A gente tinha muito contato com eles. O Neil, um professor chamado Neil. Estou falando para você, ele vem na minha cabeça.

Como era a relação de vocês? Eles chegavam a frequentar a casa dos professores? Eles frequentavam um horário após a aula?

Não, não. Como estudantes? Não, não. Mas a gente tinha ótimos diálogos com eles.

Isso é interessante. Porque na W3, eles estavam investigando muito os professores como comunistas. E o Fábio Bruno era o líder.

Era. Ele era o líder dos professores. Ele também tinha um pensamento muito voltado à esquerda. Marxista. Acho que ele era do Partidão. Não sei. Eu não tenho certeza se ele era de

algum partido. Eu acho que ele era do Partido Comunista. Sabia o PCB. Eu acho que sim.

E aí, muitos professores foram perseguidos, investigados. Quem era minimamente próximo do Fábio Bruno ganhava uma atenção especial. Então, era assim como o Honestino. Por exemplo, pega um registro assim, Cláudio Lemos, amigo de Honestino. Aí todo mundo para. Então esse aí está envolvido também. Aí se está assim, o Cláudio, só o seu nome, aí já é outra visão. E assim funcionava com o Fábio também. E se era minimamente próximo, frequentava o mesmo ambiente que o Fábio. Por exemplo, tem um professor que ele escreveu uma poesia. Eu vou conseguir aqui. Ele era alguma coisa inocente, útil. Usavam muito esse termo. Esse professor, enquanto vai carregando aqui, Geraldo Costa Alves.

Geraldão, talvez. Perfeito. Alto.

Eu vou ver se tem aqui do que ele dava aula. Português. Mas ele fazia poesia.

Pois é. Geraldão. Estou me lembrando. Eu acho que era ele. Discreto, alto. Ele publicou do Grêmio Estudantil de 26 de outubro de 1960. 26 de outubro de 1960 nós estávamos no Caseco, terceiro ginásio. Geraldão, sim. Era para chamar-se Geraldão.

Ele escreveu uma poesia para um dos jornais que era produzido lá na escola. E aí ele ganhou uma certa atenção dos militares, por mais que os militares ainda não estivessem no poder. Tinha muitos senadores que apoiavam a causa militar. Então eles decidiram investigar esse professor. E ele ganhou mais atenção por causa da poesia e por causa que em algum momento ele esteve em uma chácara no mesmo período que o Fábio Bruno. Esse cara, envolvido com um aluno, envolvido com o Fábio Bruno.

Mas devia ser membro do grupo. Certamente. Eu me lembro que eu escrevi um artigo nesse Reforma que eu fazia assim, uma certa história. Botava um cavalo branco sardento, que seriam os americanos, está entendendo? E esse cavalo invadindo a nossa área. Pena que eu realmente...

Esse jornal era o jornal O Estudante.

Qual?

O que o Geraldo fez na poesia.

Ah, legal. Esse eu não conhecia, não.

Claro que eu tenho aqui em alguma parte a lista de todos os jornais que a moça que fez

esse doutorado aqui investigou.

Mas o meu eu acho que não. Sabe por quê? Eles sumiram lá, não ficou em lugar nenhum. Ninguém pegou isso.

Ah, não.

Nossa, é uma pena, né? A gente não dá valor no momento.

Essa é uma pergunta que eu tenho pra você. No momento que você produzia esse jornal, você estava no período que teve o golpe. Você tinha noção da grandeza daquele momento?

Da nossa luta? Não, não tinha. Não. Aquele momento histórico? Não, não tinha. Não, não tinha. A gente lutava naquilo que eu te disse. A gente queria uma coisa restrita a um pensamento ali, juvenil, bem juvenil. Mas disso, uma sociedade justa, justa e fraterna, vamos usar a terminologia de hoje. Não usávamos esse nome na época. Uma sociedade para todos, que todos tivessem acesso, que não houvesse miséria, que não houvesse marginalidade. O que a gente queria era isso. Mas não tínhamos noção, sabe? Não, nem queríamos ter essa noção. A gente estava expandindo o ser nosso. Era um grupo de jovens ali.

Vou tentar aqui procurar, por causa que eu sei que eu tenho mais perguntas pra fazer. É porque o seu é mais desse período anterior da escola.

O meu é o início de tudo. O meu é o início de tudo. É a formação de tudo. É o início de tudo.

1961, nasce o Elefante Branco. Você veio junto com a Constituição de Brasília, praticamente.

Meu pai veio ter a ferida, a gente veio. E vocês vinham para Taguatinga. Como é que você me achou?

Nesse doutorado, isso é interessante, tem uma parte de uma entrevista que você deu para algum lugar falando de professores.

Como assim?

Falando sobre os professores que você tinha na época da escola. E aí, eu não anotei.

Você não sabe pra quem eu dei a entrevista?

Não, não sei. Aí eu só sei que eu achei seu nome, aí eu fui atrás, eu vi que fazia sentido

você estar no Elefante Branco nessa época, e aí eu não consegui encontrar o seu contato. Mas aí eu vi que você é professor do seminário.

Hoje? Sim, sou. Para a formação de sacerdotes e leigos. Porque eu sou católico, né? Da militância católica. Então eu dou aula aqui. Eu dou aula em doutrina social da igreja. É uma disciplina que é como a igreja se manifesta nas questões sociais todas. Meio ambiente, família, política, economia. Todo mundo pensa que muita igreja é aquela coisa. Não. A gente tem toda essa reflexão social.

E como era a sua relação com a igreja na época da escola? Você acha que ela te influenciou também? Não, ali não. Vem depois da universidade. Nesse momento é bem juvenil mesmo. É uma explosão juvenil, eu diria, nesse primeiro momento aí dos 15 anos. Aí depois sim, depois, como eu te disse, a juventude universitária é católica. Vai dar AP, ação popular. Aí sim, já a visão social. Eu sempre tive isso em mim. Por exemplo, pergunto-lhe, por que você não foi advogado particular? Eu não sou assim. O meu etos é um etos comunitário. Eu sou um ser comunitário. Eu não sou um ser pessoal. Entende? Eu vivo, me realizo me relacionando. A gente mesmo diz isso na doutrina social. Nós somos seres relacionais. Nós somos seres relacionais, porque o próprio Deus é relação. Ele é Pai, Filho e Espírito Santo. Ele não é nem Pai, nem Filho, nem Espírito Santo. Ele é Pai, Filho e Espírito Santo. Deus é uma grande relação. Nós somos, portanto, também uma grande relação. Então, essa visão em mim é muito forte. Sempre fui assim.

Mas na época você já era religioso?

Não, ali não. Não, eu ia à missa. O verbo é ir mesmo. Ia à missa. Por que? A família. Ia à missa.

Nossa, que legal! Porque, geralmente, na juventude é onde a gente forma a nossa personalidade. E você acha que o Elefante Branco te ajudou a montar esse...

Sim, porque ali foi o espaço em que eu vivi e vivo até hoje uma mística, o ideal, essa palavra. Acho importantíssimo. Você tem que ir além de você. E além de só uma visão materialista. Consumista, materialista, você não é consumista, não é matéria, não. Você tem que viver, vamos dizer assim, viver valores maiores, esse é da solidariedade, é vital. O mundo hoje sofre por isso, tem que ter solidariedade, você não pode, tem que ir além de si. Eu gosto muito do filósofo humanista, Manoel Munier, e ele diz assim, olha, a palavra existir, no seu prefixo, diz a nossa razão de ser. Nós somos seres de interioridade, mas que necessitam de uma

exterioridade. Nós nos realizamos na exterioridade, não na interioridade, claro, você é você, eu sou eu, mas nós somos verdadeiramente os seres quando nós nos exteriorizamos, né, ele diz uma palavra, *proso*, significa pessoa, e *proso* significa fazer face, o que a gente está fazendo aqui um com o outro, nós estamos fazendo face, nós estamos nos relacionando, isso é ser pessoa, entendeu? Então a minha visão sempre foi essa, sair de mim, sair, sair, como o Papa Francisco diz, o verbo que ele usa, uma ação bacana, no pontificado dele, ele começa o pontificado dele, dizendo, pra todos mais ou menos, pra nós católicos, saiam, saiam, saiam, sair, sair de si, o mundo está muito fechado, está muito enclausurado, ele mesmo diz, não construam muros, construam pontes, né, que o muro te fecha, te enclausura, a ponte não, te comunica, isso aqui é uma ponte, esse trabalho seu eu é uma ponte, né.

E é interessante isso que você falou, porque então o seu trabalho no Elefante Branco, o que você fazia era justamente a exteriorização, né, do que você aprendia, do que você era.

E abrindo isso, o Claudio vai se abrindo, ele começa a gostar, a vibrar, com essa aberturazinha, juvenil, aí depois a vida é forte, e é forte quando vem nesse momento a vida da gente. O ser já nasce aí, 16 anos, 15, 16, pelo menos pra mim nasceu já aí, o que eu fiz foi desenvolver isso, e não abandonar, graças a Deus eu não abandonei. Você acha que eu fui ser o quê? Ministério Público, eu dizia, eu não fui bancar a advocacia, nada contra, claro que tem que existir um advogado particular, óbvio, né, óbvio, mas eu não sou, meu etos não é esse, de ficar num escritório, né, e o Claudio ganha dinheiro, não, não é isso.

Eu consegui achar a entrevista, foi uma entrevista pra Sinira Nobregan Henriquez, que é a entrevista ao projeto de pesquisa Educação Básica Pública do Distrito Federal.

E quando foi isso aí? Eu já dei tantas entrevistas.

Isso daqui vai ser difícil de lembrar, porque foi no dia 31 de maio de 2004, eu tava com dois anos de idade.

Eu era Procurador-Geral da República, era 2003 a 2005.

De curiosidade, como você chega a ser Procurador-Geral da República? E o que ele faz também? Não sei nada da área dos direitos.

Não, é o Ministério Público, né, que é uma instituição da sociedade. Pela Constituição, nossa meta, qual é? Defender a democracia, né, e os direitos da pessoa humana. Então nós somos, eu costumo dizer, eu dei essa definição, nós somos a voz da sociedade dentro do Poder

Judiciário. Por exemplo, o governo quer construir uma estrada numa reserva onde ali é o santuário ecológico. Então a gente entra pra aplicar isso. Vamos defender a comunidade negra quilombola, vamos defender os índios, entende? É isso. MP é isso.

Nossa, não, e eu tô injuriado com a situação que tá acontecendo aqui no Noroeste. Não sei se você acompanha...

Os índios ali?

É, do santuário... Poxa, porque o Noroeste inteiro tá sendo construído dentro da área de reserva indígena, aqui de Brasília, a gente só tem essa área, né? E aí eles ainda vendem como se fosse...

É, isso eu vi, mas não estudei, né? É triste, é triste.

Nossa, agora eu vi a Cruz de Malta aqui pelo reflexo. Ali atrás de você, é.

Ah, aqui é ali, é. Sou vascaíno, sou feliz, é. Aqui mora o louco pelo vasco, é. Não, mas muito legal.

Mas aí, de uma coisa que eu fiquei com dúvida lá atrás. Muitos alunos eram engajados na política. Muitos professores também. Mas vocês tinham essa conversa entre professores e alunos?

Não, não.

Não eram alunos de um lado e professores do outro?

Sim, sim, sim. Agora, o que eu te falei antes, professores estimulavam a gente. Eu citei a professora Neita Ramos, a Maria do Socorro, que vocês conhecem, o Luiz Maria Masi, Maria do Socorro Remenenciano, e a Neita Ramos. Ou seja, história, filosofia e geografia.

Olha, isso que mais te faz pensar, né? É, exatamente.

Bom, eu também tenho um pensamento de esquerda, né? E aí eu fico refletindo. Se você pensar, não tem como. Não tem como você não ter um pensamento mais de esquerda. Não de defender tal político.

É, não, não. É um pensamento humanista. Porque a gente defende as falas sociais. Pronto.

E o seu trabalho como procurador foi esse.

Foi justamente esse.

E que é totalmente ligado ao que você fazia no Elefante Branco. Você buscava a democracia no Elefante Branco e você continuou buscando defender a democracia.

Sim, sim. Eu fui buscar no Leigo. E eu cuidava dos meus irmãos dependentes químicos. Eu e minha esposa. Durante mais de 20 anos. A gente era uma pequena comunidade rural. A expansão do Recado das Emas, uma vez por semana no início, depois quinzenalmente. E ali a gente se belava. Isso ali é muito bacana. É esse o trabalho. É isso. Se as pessoas fizessem muito isso, meu Deus, o mundo era outro. Pois é. É.

Mas, Claudio, vai ser só isso mesmo. Não uma entrevista muito grande. É porque eu estou usando vocês...

Você vai fazer para...

Eu estou fazendo meu TCC, estou produzindo meu TCC. E uma coisa que muito me incomoda na produção acadêmica é porque eu vejo que a produção acadêmica fica na UnB. No máximo, vai para alguma outra universidade. Mas eu acho isso muito pouco para o que a gente é capaz de fazer. Então, eu estou querendo produzir um documentário para que possa ser de acesso público. E que seja... O objetivo inicial é deixar pelo menos um acervo de elefante branco, conversar com os professores, para que eles possam mostrar para os alunos, para que eles possam ter uma ideia um pouco mais da história da escola deles. E, principalmente, desse período de ditadura. Aproveitar esse momento em que a gente está vivo e com a situação política do nosso país, com muita gente apoiando os militares. Para mim, é absurdo você apoiar a falta da solidariedade. Não faz sentido. Então... E eu tenho como objetivo mostrar como que a luta dos estudantes foi importante no combate contra a ditadura, comunicando os outros. Então, com o jornal, isso que vocês faziam com... Ah, isso aqui pode ser interessante perguntar se já havia na sua época, né? Porque eu vi isso em relatos, mas ali para o final de 60 e início de 70. Quando houve o golpe, os estudantes agiram de diversas formas. Eles agiram com jornais, fazendo jornais. Ah, lembrei de uma coisa legal. Esquece isso que eu estava falando. Você chegou a participar da cartilha do povo?

Não.

Não, mas você chegou a ver como funcionava?

Não, não. O que eu tentei fazer, mas logo depois veio o golpe, era o método Paulo Freire

de ensino. Eu estava me habilitando para isso de sobradinho.

O que você ia fazer?

Educação popular. Pelo método Paulo Freire. O método era o tijolo. Não tinha esse ensino tradicional. Não. Era pela realidade da pessoa. Ela ia aprender o tijolo. Ele precisava do tijolo, o operário. Entende? Essa era a filosofia do Paulo Freire, vamos dizer assim, a grosso modo. E isso eu fiz. Eu e o meu amigo, Jorge Zaru, a gente ia lá para sobradinho fazer o curso. Mas aí veio o golpe. Aí acabou tudo. Foram meses. Não chegou a exercitar nada. Não conseguimos. Ele estava em pleno, aprendizado, e ele veio. Alguns estudantes do Rio Grande do Branco tinham essa cartilha do povo, que eles ensinavam algumas pessoas ali da região. Ali da Asa Sul, do Pantlouto. Não. Não. Não, não.

E aí o que eu tento fazer é justamente isso. É tirar o conhecimento da academia e levar para a sociedade. Isso é que é fundamental.

Exatamente. Universidade participativa. Tem um livro, não sei se você conhece, mas é interessante na ótica. Professor Roberto Salmeron. 1964-1965. A Universidade Interrompida. Mas é mais o aspecto da UnB. Voltar-se para a UnB. O livro é todo mostrando esse sonho da UnB.

O que mais me encantou foi como vocês estudantes, através disso, através dos jornais, e através dos grupos de trabalho, principalmente, e aquele decreto de território livre, ajudaram a comunicar à sociedade e abrir a mente da sociedade de como aquele período que estavam vivendo era prejudicial a eles. Mostrar toda a luta que estava acontecendo no país, porque a comunicação ainda não era como é hoje, que você pega o celular e tem acesso a todas as informações possíveis. Então, como a informação foi importante. Esses grupos de trabalho, não sei se você tinha na sua época, mas, se você sabe o que acontecia, que eram ações assim, tudo o que vocês faziam era fortemente observado e reprimido. Então, os estudantes se reuniam em grupos pequenos, super informalmente, e conversavam, olha, você vai ser responsável por imprimir os folhetos, você vai produzir os folhetos, você vai preparar para fazer pixações, você vai distribuir os folhetos. Então, eles faziam ações muito rápidas, com poucas pessoas, para informar a sociedade do que estava acontecendo. Às vezes, através de desenhos, como o que você falou, do cavalo sarrafo.

Eu não desenhei, eu redigi.

Ah, tá.

Uma historieta.

Mas você sabe dizer se na sua época já tinham esses grupos de trabalho?

No meu caso, não, não. No meu grupinho ali, nós não tínhamos isso. Também era um, chegava, talvez, uns dez. Agitávamos, sim. Éramos conhecidos e tal. Tanto que nos impediram, os cinco, a metade. Mas não, não. Era uma coisa muito do coração. Era muito espontâneo.

Uma dúvida que eu fico pensando. Você chegou sem impedido de fazer as provas.

Sim. O que seus pais falaram?

Me apoiaram. Achei legal. Me apoiaram. O papai me apoiou. Uma vez ele contou lá em casa, eu guardo isso até hoje. Eu debateram lá a minha situação, porque ele também era procurador, então era uma autoridade. E aí, um coronel lá questionou. Pois é, tem filho aí? Acabou? Aí eu me lembro dele me dizendo assim. Não preciso ter um filho que eu tenho que não é vagabundo, que é pensador, que estuda, que propõe coisas, do que um que fica só bebendo Coca-Cola. Ele deu essa frase em cima desse... Acho que era um coronel, uma discussão que tiveram. Mas ele me apoiou. O Honestino, ele era procurador-chefe, veja bem você, do Ministério Público aqui em Brasília. Uma vez nós ouvíamos, discordemos, com o Honestino, lá no apartamento, com ele sabendo. O Honestino dormiu, parece, três dias lá. Quem é que ia imaginar que o Honestino Monteiro Gamaraes estivesse abrigado na casa do procurador da República Chefe do Distrito Federal? Nossa! Foi horrível. Você vê o risco que esse homem assumiu.

Nossa, um homem com muita coragem.

Ele era bem mais conservador que eu. Era um homem democrata, mas uma visão mais conservadora. Sem dúvida. Era um democrata, mas uma visão mais conservadora.

Eu gostei muito disso que você falou, porque essa visão dos pais sobre os filhos é muito incerta. Por mais que você tenha tido uma criação voltada, humanizada e tudo mais, às vezes seus pais são muito conservadores.

É, muito não. É, claro. Eu me lembro da gente queimando livros, faziam com muita para evitar o fumacê violento, da pia, da área, e um pouquinho de fumaça saía pelo Combogó. O Combogó era só pequeno. Moravam na 208 do Sul. E a mamãe, minha mãe, botava um pouquinho de pouquinho. Pachorramente ali. Para quê? Para a minha literatura. Eu tinha livro aberto.

Você lembra de mais algumas ações que vocês tiveram, que fizeram de apoio ao Honestino?

Não, não. Como eu já disse, o Honestino ali estava entrando. Estava na política. Depois a gente se... Nunca mais, né? Mas não, não, não. A gente fazia essa. Na época do A Fé do Elefante contra o Pujol. A gente vai para frente ali, fica entregando reforma. Isso aí foi bom. Era isso aí.

E mesmo depois do Elefante Branco, você chegou a... Quando você fez parte da AP, você fez alguns outros movimentos, algumas ações contra os atos políticos?

Ah, sim. A gente fazia protestos. Aí a polícia cercava. Tomei gás lacrimogênio.

Já apanhou muito?

Não apanhei não, mas chorei muito. Nunca me puseram a mão em mim, não. Foi sorte. Mas jogar gás lacrimogênio, sim. Interessante.

Agora o que eu lembrei, você falou quando vocês abrigaram o Honestino durante os três meses, lembra muito do filme da Fernanda Montenegro. Fernanda Torres. Que o pai dela nada mais fazia que isso. Ele ajudava eles de uma forma parecida com o que o seu pai fez, como vocês fizeram.

Na verdade, no livro do Marcelo, no finalzinho, ele me cita.

Sério?

Sim, eu tenho o livro aí. Porque, no fundo, essa história começa comigo.

Não é possível. Eu vou ter que comprar esse livro.

O livro não vai te preocupar em fazer isso. Depois vem a denúncia dos colegas procuradores e tal. Mas é o seguinte, eu fui da CNV, Comissão Nacional da Verdade. Aí eu produzi um documento. O que eu fiz? Eu fui lá para o arquivo e lá sem nenhuma linha correta de pesquisa. Não. No acaso, eu ia me debruçando nas fichas do SNI. E aí apareciam coisas. Você estudou como pesquisar, como fazer isso? Não. Fui para lá. Vou começar aqui. E apareciam coisas. Aí, tem uma certa documentação que eu publicava nas minhas pesquisas para a sociedade, para ser criticado. E eu imputo a morte de Rubem Parva ao PIC. PIC é Pelotão de Investigação Criminal do Exército. Acho que tem essa nomenclatura até hoje. Não sei se tem. Mas na época era PIC. Pelotão de Investigação Criminal do Exército. E atribuí ao PIC a

responsabilidade de ter matado o Rubem Paiva. Aí, nessa casa ali, tem um telefone. Um dia, à noite, à terceira noite, o telefone toca. E a voz vem assim, dizendo, olha, o senhor é o doutor Cláudio Fonteles? Eu falei, senhor, nós analisamos sua vida. O senhor era uma pessoa séria. Agora o senhor cometeu um erro grande. Eu falei, mas quem está falando? Não, a voz. Eu me identifico no final. Eu falei, mas que erro eu cometo? Sério. Quando o senhor põe a público, como membro da CNV, que o PIC foi responsável pela morte de Rubem Parva. Não foi. Aí eu falei, mas quem está falando? Aí a voz fala, sim, agora me identifico. Aqui é o coronel Armando Avoglio. Na época eu era tenente do PIC, era o subcomandante do PIC. E não foi. O senhor quer conversar com mim? Eu falei, claro que eu quero conversar com o senhor, coronel. Ele fala, eu moro no Rio de Janeiro. Eu falei, eu tenho um apartamento no Rio de Janeiro. Aí marcamos. Aí ele me narra o que aconteceu. Ele diz, olha, doutor, do PIC nós tínhamos um corredor todo, grande, a barulho de mesquita no quartel, a unidade militar deles. Aí, de repente, chegam os caras, nos tiram dali, nos empurram para uma salinha, a gente tinha até que se reverter. E esses caras já passam a comandar tudo. E os caras barbudos e bigodudos e vestindo que nem sores, paisando. Paisando. Militar não é assim não, doutor. Militar tem que trajar. O cara era um prussiano impecável, bota brilhando. Militar não é isso que eles fizeram não. E mais, eu era tenente, como ele disse na época. Eu passava por eles, por cabo, por sargento, estavam com o senhor paisando, não batiam continência para mim não. Isso é um absurdo. Isso é um absurdo. Isso é quebra, é algo fundamental para nós, é hierarquia. Olha a visão desse cara, que coisa curiosa. Pois bem, doutor, um dia eu estava mal de sair, aí veio uma porta entreaberta e a luz. Quando a luz estava acesa, é que eles estavam torturando. E aí eu vi a porta entreaberta, eu olhei. Quando eu olhei, eu vi um homem gordo, gemendo muito, e um cidadão pulando em cima dele, gritando de ódio, enfim. Pulava em cima dele. Aí eu chamei o meu capitão, que era o meu comandante, e falamos, vamos falar com o comandante do DOI-COD. Aí fomos lá. Aí o comandante do DOI-COD, que era um capitão na época, que hoje é general Berry, e que está vivo, e que está denunciado, só dois, parece, daquele grupo do Rubem Paiva, estão vivos, o Berry e o outro, que eu escolhi o nome agora. Pois bem, mas aí esse capitão foi ensinando de vocês e disse, ah, garota, pode ir embora. E aí nós fomos embora. Daí, uma semana, eu vejo a morte, e vejo a foto, e aí eu sou silêncio. Ao que estava lá. Então, doutor, isso foi um erro. Quem matou o deputado Rubem Pabra foi o DOI-COD do Rio de Janeiro. Nós fomos lá. Se eu ponho por escrito, ele põe. Ele botou por escrito. Aí eu entreguei lá na CNV. Depois, acho que a irmã da avó já morreu, aí se deu público. Isso que até então era secreto. A história começa assim.

### 10.3 ROTEIRO DE PERGUNTAS

#### **Perguntas Gerais:**

Iniciar pedindo para fazer uma breve apresentação da sua trajetória de vida (de onde veio, quem são seus pais, onde estudou antes de morar em Brasília, quantos irmãos, o que estudou após a escola, onde trabalhou ou trabalha, quais seus interesses na vida etc.

Fazer um comentário sobre ter estudado no CEMEB e perguntar quando foi

Perguntar sobre o funcionamento da escola. Como eram as aulas, se lembram de nomes de professores, quais atividades realizavam

Perguntar sobre a trajetória na escola e depois focar na trajetória política, sobre como se interessou pela política

Havia o grêmio estudantil. Perguntar qual a importância da entidade na escola e o que faziam.

O que custavam fazer como atos políticos contra a ditadura ou contra qualquer outra forma de repressão

Devo perguntar sobre a participação nas movimentações políticas dos estudantes que eram filhos de servidores do governo ou de pessoas importantes, ou seja, de famílias com grandes recursos financeiros. Eles faziam parte dos grupos que articulavam sobre política?

Perguntar se os alunos como um todo estavam conscientes do cenário político

Como as notícias chegavam até os estudantes?

Perguntar se, quando agiam contra a ditadura, eles tinham noção da proporção dos seus atos e da grandeza histórica daquele momento.

Perguntar sobre os grupos de trabalho.

Perguntar se acha que a experiência no CEMEB os transformou

#### **Perguntas para a Cacé Sassi:**

Relembrar da ocupação e da determinação do Território Livre. Perguntar se ela participou do ato, se lembra de como repercutiu

Apresentar o documento que conta que ela foi expulsa da escola e perguntar o motivo e como foi o processo. Caso necessário, a ajude com a informação de que houve as assembleias sem a presença do diretor e que ele não gostou da atitude do grêmio estudantil.

Perguntar se ela estava presente no momento que o diretor destruiu a estrutura do grêmio estudantil e o destituiu.

Há registros de agentes do governo infiltrados na escola. Perguntar se era possível identificá-los

### **Perguntas para o Cláudio Fonteles:**

Você fez parte da fundação do primeiro grêmio estudantil do CEMEB, de onde veio essa experiência?

Perguntar se ele tinha contato com Honestino Guimarães

Como ele já deu uma entrevista e relatou boa relação com os professores, perguntar se eles tinham contato com os professores para além da escola, se os alunos se organizavam politicamente com eles.

Como foi o momento do golpe? como os alunos agiram nesse momento?

Perguntar se ele participou da cartilha do povo

## **11. DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE**

Eu, Pedro de Castro Alves, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado: Educação libertadora: O movimento estudantil secundarista do Centro de Ensino Médio Elefante Branco em oposição à ditadura militar (1964 - 1968). Foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho nunca foi apresentado a outro departamento e /ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.